

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA LUMINÁRIA POPULAR AÇORIANA

(PICO, S. JORGE, FAIAL E TERCEIRA) *

por
RUI DE SOUSA MARTINS

3.2. CANDEIAS COM DOIS DEPÓSITOS (CANDEIA DUPLA)

As candeias de que pudemos observar maior número de exemplares, na freguesia das Ribeiras (Pico), onde foram generalizadamente utilizadas até data recente tem uma dupla estrutura e curiosos elementos decorativos. Quando se fala a alguma pessoa mais velha em candeias de ferro, a imagem que ela conserva e procura transmitir é a do objecto sobre o qual nos vamos debruçar e que, como veremos, não é novo nos estudos de etnologia açoriana. Todas as candeias duplas que pudemos observar no Pico foram feitas, segundo informações recolhidas e posteriormente confirmadas, pelas várias gerações de uma família de ferreiros da Ribeira Seca (Ribeiras, Lages) e a sua manufactura prolongou-se praticamente até aos nossos dias. Foi essa feliz circunstância que nos permitiu recolher a nomenclatura das diversas partes da candeia (Fig. 15) ²¹.

A lâmpada que vamos descrever é a da fig. 16 e foi feita por Manuel José da Silveira Júnior em 1982.

* Conclusão do artigo iniciado no vol. VI.

²¹ As informações sobre a nomenclatura da candeia dupla foram-nos prestadas por Manuel José da Silveira Júnior.

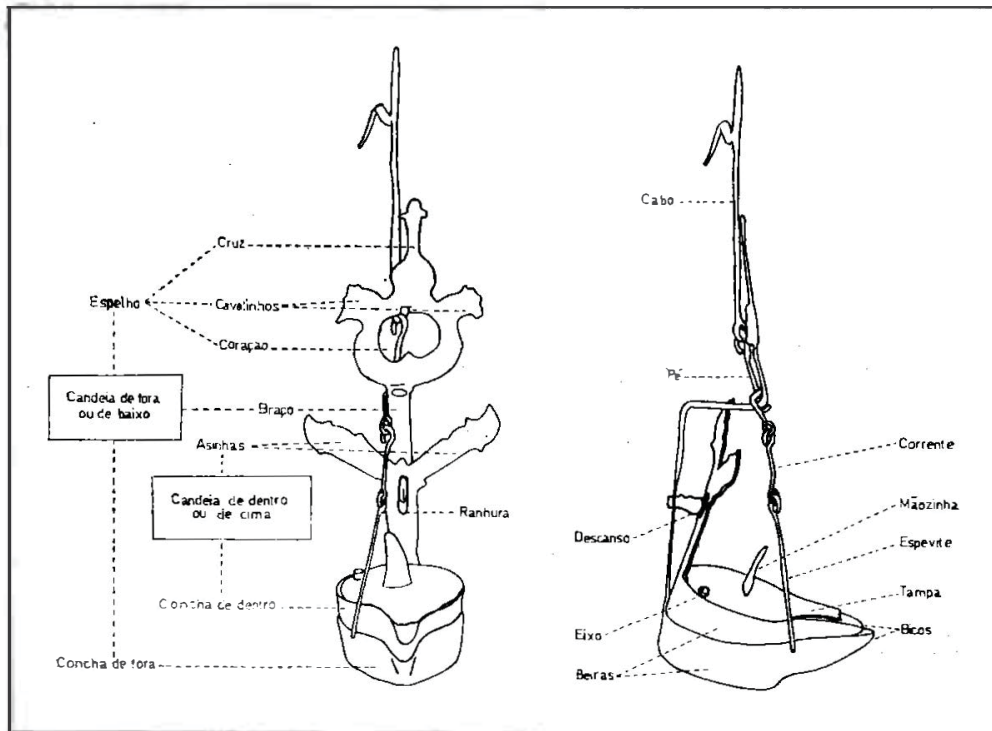


Fig. 15 — Nomenclatura da candeia dupla (Ribeiras — Pico).

Descrição morfológica e nomenclatura

Candeia dupla, em ferro, com os dois depósitos parcialmente encaixados, sendo o interior (superior) fechado (Figs. 16 e 17). A parte superior (*candeia de dentro ou candeia de cima*) é móvel e constituída por um recipiente ovóide (*concha de dentro*) fechado por uma tampa; bordos (*beiras*) baixos, direitos e divergentes; fundo plano, o bico estreitado e curto. A ligação bico-bordos é curva.

Na extremidade posterior, o recipiente tem um braço²² curto com rasgo (*ranhura*) rectangular e vertical onde *trabalha o descanso* (pequena cremalheira). O braço abre em duas

²² Manuel José da Silveira Júnior não indicou qualquer nome para esta parte da candeia. Adoptámos o nome dado tradicionalmente à lâmina posterior do recipiente de baixo.

lâminas recortadas, divergentes e simétricas (*asinhas*). No ângulo de divergência, e em cada um dos ângulos formados pelas arestas inferiores das lâminas e o braço, há pequenas saliências ponteagudas²³. A tampa, de perfil subcordiforme, cobrindo o recipiente e a quase totalidade do bico, tem cravada uma pega (*mãozinha*) triangular com a ponta recurvada para a frente. Gira horizontalmente para a direita num pequeno gonzo (*eixo de segurar*) cravado junto ao lábio do bordo posterior direito.

A parte inferior da candeia (*candeia de fora ou candeia de baixo*) é fixa e formada por um recipiente aberto (*concha de fora*), do mesmo tipo do anterior mas ligeiramente mais largo e com o bico mais longo. O *braço* é agora uma lâmina rectangular alongada, cuja parte superior, esquadrada para a frente, foi furada para fixação do tornel, terminando num reflector ornamentado (*espelho*). Um pouco acima do recipiente, o braço tem cravada uma pequena cremalheira rectangular (*descanso*), com dois dentes na aresta superior.

O reflector foi ornamentado com motivos recortados e vazados. O campo ovóide mostra-se vazado de um coração invertido (*coração da candeia*), com extremidade quadrangular. Está ladeado, à direita e à esquerda, por duas cabeças de cavalo (*cavalinhos*), entre as quais emerge um orbe encimado por uma *cruz* latina.

O furo da extremidade horizontal do braço maior é atravessado por um tornel (*pé*), constituído por uma verga de ferro curta, de secção circular, com cabeça plana forjada na extremidade inferior e a superior dobrada em argola²⁴. Ao tornel prende-se a haste de suspensão (*cabo de dependurar*) de secção quadrangular, com a extremidade inferior dobrada em argola e a superior afilada com gancho lateral forjado em «S».

²³ Nos exemplares mais perfeitos, se unirmos as saliências ponteagudas obtemos praticamente um triângulo.

²⁴ Por vezes os ferreiros aproveitam pregos para fazer o tornel cuja haste pode ficar com a secção quadrangular do prego.

Preso ao tornel da candeia, uma cadeiazinha (*corrente*) de seis aros, segura o espevitador (*espevite*), que é um simples pedaço de verga fina com uma argola de suspender.

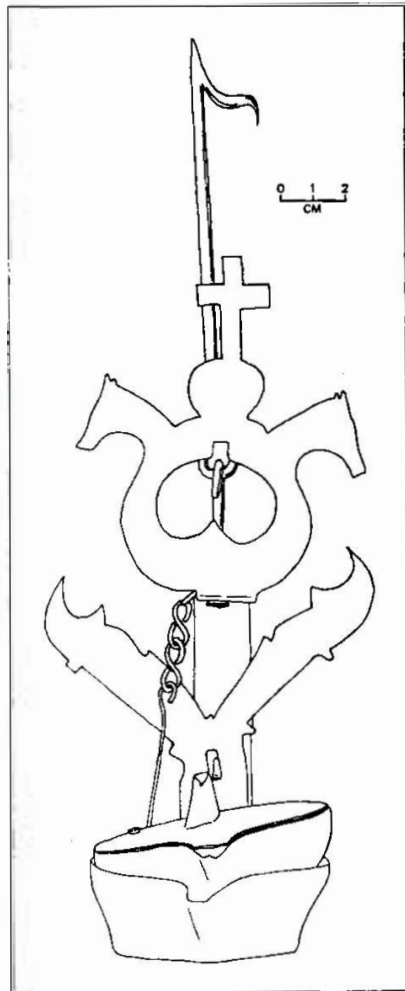


Fig. 16 — Candeia dupla (frente). Ribeiras (Pico).

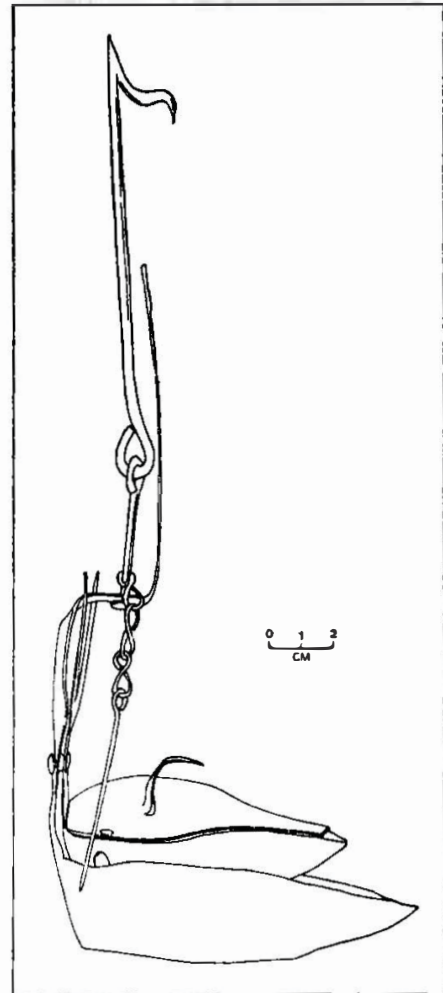


Fig. 17 — Candeia dupla (perfil) Ribeiras (Pico).

Dimensões:

altura total: 275 mm

parte superior: alt. total, 102 mm

depósito: comp., 98 mm; larg., 71 mm; alt.sem tampa, 21 mm; alt. com tampa, 40 mm.

Parte inferior: alt. total, 115 mm

depósito: comp., 112 mm; larg., 70 mm; alt., 24 mm.

3.2.1. DIFUSÃO E VARIANTES

A - ILHA DO PICO

As candeias duplas, com a ornamentação característica que descrevemos, foram usadas por toda a freguesia das Ribeiras, onde eram feitas, e sabemos que o seu uso se estendeu a outras freguesias do Pico.

Os exemplares mais antigos distinguem-se dos recentes por serem mais altos, mais bem proporcionados, por recortes mais perfeitos e recipientes mais bem forjados.

Numa candeia do Caminho de Cima (Ribeiras), a cadeiazinha que suspende o espevitador é igual à da lâmpada com um só depósito fechado da Ribeira Grande (hastes encadeadas). Este pormenor e informações que recolhemos permitem-nos atribuir a candeia do Caminho de Cima à criatividade de Manuel José da Silveira (1859-1913?) (Fig. 15, Fotos 12 e 13) ²⁵.

Na Ribeira Seca observámos a parte superior de uma candeia que apresenta as *asinhãs* simplificadas, sem os recortes característicos. Deve tratar-se de um exemplar não acabado ou deliberadamente simplificado (Fig. 18) ²⁶.

²⁵ Caderno de campo n.º 1, 29-XII-80.

²⁶ *Idem.*

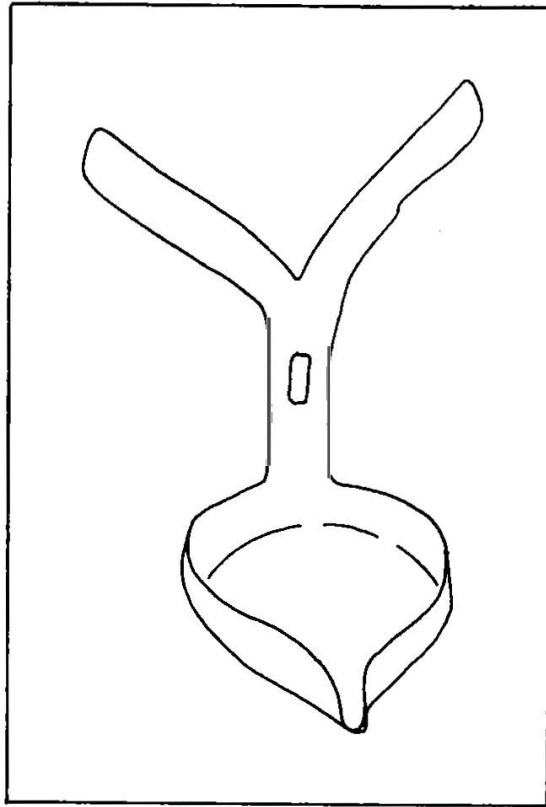


Fig. 18 — Parte superior de candeia dupla com asinhas simplificadas (Ribeira Seca — Pico).

B - ILHA TERCEIRA: As candeias de Santa Bárbara

Dissemos atrás que o tipo de candeia dupla das Ribeiras do Pico não era novo nos estudos de etnologia açoriana. Na realidade, o notável etnólogo terceirense Luís da Silva Ribeiro (1882-1955), publicou em 1954²⁷ e 1955²⁸ duas fotografias dife-

²⁷ Luís da Silva Ribeiro, «Etnografia terceirense», in *Açoreana*, t. V, 2, Angra do Heroísmo, 1954, pp. 143-160.

²⁸ Luís da Silva Ribeiro, «Indústrias terceirenses de carácter artístico e sua valorização (inquérito)», in *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, t. XIII, Angra do Heroísmo, 1955, pp. 29-64.

rentes de uma candeia morfologicamente idêntica às do Pico. Trata-se de uma peça das ricas colecções etnográficas do Museu de Angra, recolhida na freguesia de Santa Bárbara e atribuída aos princípios do século XIX ²⁹.

Segundo Luís Ribeiro, o fabrico de candeias de ferro

«... podia considerar-se especialidade dos ferreiros de Santa Bárbara ...» ³⁰.

E esclareceu noutro local que,

«na primeira metade do século XIX Santa Bárbara parece ter sido centro metalúrgico de relativa importância pois nos registos camarários figuram como aí residentes em 1815 quatro ferreiros, em 1823 mais dois, mais um em 1826, outro em 1832, e dois em 1839. Eram particularmente notáveis pela perfeição com que faziam candeias, enxadas e outros instrumentos agrícolas» ³¹.

Satisfazendo amavelmente um pedido nosso, o Dr. Maduro Dias enviou-nos reproduções fotográficas da colecção de candeias do Museu de Angra que posteriormente pudemos observar no local.

O Museu possui cinco candeias duplas em ferro semelhantes às do Pico. Infelizmente, porém, nenhum dos exemplares está completo (Fotos 14 a 18).

²⁹ Luís da Silva Ribeiro, «Etnografia terceirense», in *Açoreana* [...], p. 150.

³⁰ Id., *ibidem*, p. 149.

³¹ Luís da Silva Ribeiro, «Indústrias terceirenses de carácter artístico», [...], p. 58.

A este número podemos juntar uma lâmpada que Francisco Ernesto, reputado estudioso da arte dos Açores, recolheu na freguesia de Santa Bárbara e que pertence à sua fascinante colecção (Foto 19).

As candeias duplas do Pico (Ribeiras) e da Terceira (Santa Bárbara) são indiscutivelmente do mesmo tipo mas, comparando os exemplares conhecidos, não temos dúvidas em afirmar que as lâmpadas terceirenses são superiores, sobretudo na dimensão estética.

O recorte das *asinhas* e do *espelho* das candeias da Terceira é mais delicado. Os pormenores morfológicos e anatómicos são mais desenvolvidos, o que dá à peça muito mais vida. O perfil dos cavalinhos é especialmente aprimorado. A simetria geral dos motivos é mais cuidada.

Nas lâmpadas terceirenses, o recipiente superior gira sem atrito dentro do recipiente inferior, o que se deve à colocação da cremalheira a uma altura adequada e à correcta dimensão dos recipientes. O mesmo não acontece nas lâmpadas do Pico, sobretudo nas de feitura recente.

Em duas das candeias da Terceira (Fotos 16, 17), o recorte da aresta superior de cada uma das *asinhas* começa por ser oblíquo, à semelhança do que acontece com as candeias picoenses. Mas nas outras três, o recorte é acentuadamente côncavo (Fotos 14, 15 e 18). Numa destas, o ângulo de divergência das *asinhas* não tem a saliência ponteaguda mas uma reentrância em ângulo (Fig. 19, Foto 18). As saliências nas arestas inferiores das *asinhas* são ponteagudas (Fotos 14, 15, 18) ou rectangulares (Foto 17) como nas candeias do Pico.

O *coração* da excelente candeia representada na Fig. 19, (Foto 18), tem um desenho diferente e o contorno do reflector apresenta dois recortes côncavos e simétricos.

Nas lâmpadas da Terceira surgem alguns primores ornamentais, fruto do gosto e da paciência do artista-ferreiro. Os recipientes da candeia de Francisco Ernesto (Foto 19) e de um exemplar do Museu de Angra (Foto 16) têm o contorno dos bordos sublinhado por um filete gravado, delimitando uma banda de tracejado oblíquo.

Numa candeia do Museu de Angra o braço superior da cruz e a extremidade da pequena cremalheira foram igualmente entalhados (Foto 16).

Segundo Luís da Silva Ribeiro, as candeias terceirenses tinham

um acessório que não encontramos nas lâmpadas do Pico: uma «*minúscula tenaz (puxador), destinada a puxar a torcida*»³².

É curioso constatar que, sendo morfologicamente idênticas, as candeias duplas do Pico e da Terceira apresentam divergências na nomenclatura. De acordo com Silva Ribeiro, na Terceira (Santa Bárbara) o recipiente superior é designado por *candeia de cima* e o inferior por *candeia de baixo*. No Pico (Ribeiras) estas expressões designam globalmente a parte superior e a inferior da candeia. Os recipientes são aí conhecidos

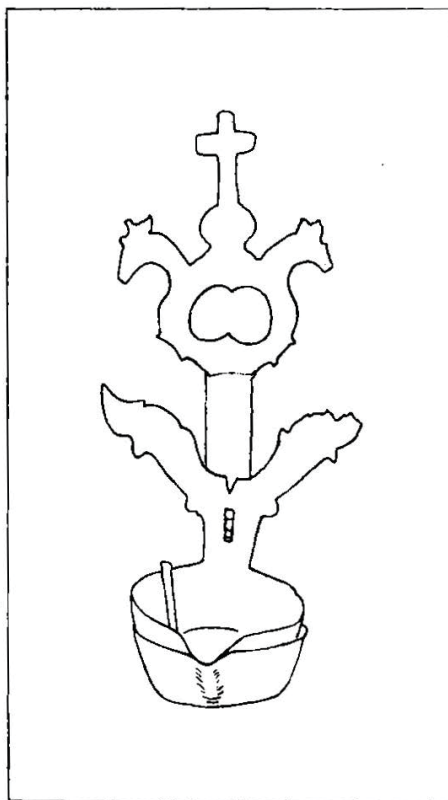


Fig. 19 — Esboço de uma candeia dupla do Museu de Angra.

³² Luís da Silva Ribeiro, «Etnografia terceirense» [...], p. 149.

por *conchas (de dentro e de fora)*. É possível que na Terceira se tenha perdido o nome dado aos recipientes.

As lâminas que prolongam posteriormente os recipientes são designados na Terceira por *cabos*. No Pico este termo aplica-se à haste de suspensão com gancho lateral. A lâmina do recipiente inferior designa-se por *braço*, termo que não foi aplicado à lâmina do godé superior, embora o tivéssemos usado por analogia.

A pequena cremalheira é conhecida por *cabide* na Terceira e por *descanso* no Pico. O reflector é conhecido no Pico por *espelho* e na Terceira por *resplendor*. O *espevitador* da lâmpada terceirense corrompeu-se no *espevite* do Pico.

3.2.2. ANÁLISE ESTÉTICA DAS CANDEIAS DUPLAS

Nas candeias portuguesas de chapa de ferro ou folha-de-flandres, o reflector da luz, quando existe, é quase sempre decorado pelo artesão-criador. O reflector tem normalmente uma forma circular, quadrangular, rectangular ou ovóide que serve de suporte e condicionante à composição decorativa que pode integrar motivos recortados, vazados, gravados ou repuxados. As candeias duplas têm frequentemente dois reflectores iguais que recebem em geral a mesma ornamentação. Na casa rural portuguesa, a candeia chegou a ser um elemento decorativo e nalguns casos uma peça de luxo.

Vejamos o que se passa com a lâmpada açoriana que temos vindo a estudar. Esta candeia, apesar de ter dois recipientes, apresenta um só reflector. Este foi ornamentado com motivos recortados (predominantes) e um vazado. Os motivos decorativos foram organizados nos limites de um suporte oval afilado, cujo contorno desapareceu praticamente todo no recorte. Por isso os motivos recortados apresentam-se livres.

O artista-ferreiro utilizou motivos de dois tipos: geométrico (predominante) e animal. Motivos geométricos são a cruz, o

orbe e o coração. Os «*cavalinhos*» integram-se evidentemente no tema animal. Aproveitamos para lembrar que a temática animal aparece igualmente nas antigas candeias de ferro da ilha de S. Miguel, mas tanto quanto sabemos é raro ou desconhecido nas candeias continentais.

O equilíbrio espacial da composição foi conseguido por simetria linear vertical dos motivos. O traçado dos contornos é predominantemente curvilinear.

Podemos concluir que a estrutura do reflector desta luminária açoriana funciona sobretudo a nível estético e também simbólico, perdendo-se o papel originário de reflectir a luz.

Na casa rural das Ribeiras do Pico a candeia dupla era, na perspectiva dos velhos habitantes, um objecto de luxo.

A parte de cima da candeia tem duas «*asinhas*» de controverso significado e difícil classificação. Segundo os utilizadores inquiridos, além de servirem para manusear o depósito, inclinando-o mais ou menos para a frente, tinham igualmente uma função decorativa. São simétricas e de traçado acentuadamente curvilinear. Considerando agora conjuntamente as duas partes da candeia, podemos dizer que a composição decorativa se obteve por simetria axial, combinada com a alternância vertical e a perspectiva, já que o *espelho* e as *asinhas* se encontram em planos distintos. Nas candeias duplas com reflectores iguais e parcialmente sobrepostos, a simetria combina-se com a repetição e com uma perspectiva de sobreposição.

3.2.3. SIGNIFICAÇÃO E SIMBÓLICA DAS CANDEIAS DUPLAS

Os motivos decorativos da candeia dupla, além da função estética, possuíam uma dimensão simbólica que vamos tentar esclarecer.

O reflector é encimado por cruz latina, símbolo divino da religião e fé cristãs. A religiosidade do povo atribui-lhe uma função propiciatória e protectora contra as forças negativas.

A cruz tem na base uma pequena placa circular, projecção da esfera (orbe). No entanto, tanto o artesão, conhecedor da manufactura das candeias, como os utilizadores não atribuem qualquer significado a este elemento. Também não conseguimos recolher nenhuma explicação sobre o significado dos cavalinhos. Sabemos que ao cavalo está ligada uma ideia de força e majestade, mas pode tratar-se de um mero enfeite sem qualquer significado simbólico. Talvez tenha interesse referir, a este propósito, a ornamentação de um descanso de ferro de engomar, adquirido por nós há já algum tempo, e que julgamos proveniente do Alentejo (Fig. 20). Na chapa vazada e recortada, figura

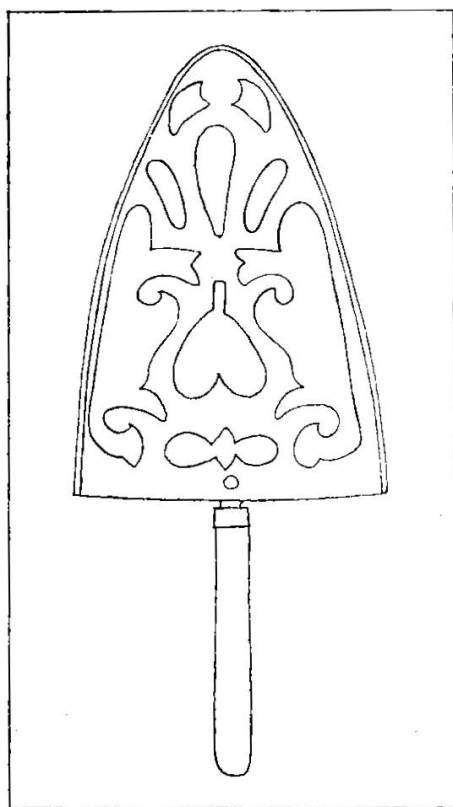


Fig. 20 — Descanso de ferro de engomar (Alentejo?)
(comp. 305 mm).

um motivo ovóide com um coração vazado semelhante ao das candeias açorianas, ladeado por duas pequenas volutas. Este motivo e o campo do reflector da candeia têm fundamentalmente a mesma estrutura, desenvolvida de forma diferente e com mais requinte na lâmpada açórica.

O coração, na mentalidade popular, é a sede dos sentimentos, símbolo do amor e da caridade cristã. Nas variadas manifestações da arte popular portuguesa, a cruz e o coração andam frequentemente associados. No *espelho* da candeia, o coração apresenta-se invertido, adequando-se ao recorte ovóide do reflector e apontando para o alto.

As *asinhas* da parte superior da candeia são de significado controverso. No Pico, os possuidores de candeias duplas ignoravam completamente o significado destes motivos, vistos como meros enfeites. Manuel José da Silveira, que conhece a técnica de

manufatura destas candeias e que colaborou com o pai na sua feitura, nada nos soube dizer sobre esta questão. Um irmão do Manuel José afirmou ter ouvido ao pai a explicação de que as *asinhas* representavam, de forma elaborada, os lóbulos da barbatana caudal de um *peixe de azeite*. É praticamente impossível confirmar esta informação que nos limitamos a registar.

No entanto, a observação das várias candeias com *asinhas*, nomeadamente as terceirenses, sugere-nos algo de diferente. Parece que estamos perante representações duplas e simétricas, bastante esquematizadas, de golfinhos (toninhas) que ornamentaram profusamente os altares barrocos das igrejas açorianas e que estão representados na heráldica. Nos Açores, a toninha foi um cetácio muito procurado para obtenção de *azeite* de iluminação. Portanto somos levado a pensar que as *asinhas* são um motivo de tema animal (cetáceo), mas teremos de ficar no domínio das hipóteses, esperando que alguém, com mais inspiração e perspicácia, venha lançar nova luz sobre estas questões.

4. ALGUNS ASPECTOS FUNCIONAIS DAS CANDEIAS AÇORIANAS

As candeias estudadas são todas de suspender e não de pousar. A haste de suspensão, terminada em ponta açuçada e com gancho lateral, permite duas formas de apreensão. A haste era normalmente espetada em qualquer buraco da parede ou num dos orifícios do braço do mancebo (suporte móvel especializado), mas também podia ser enganchada num prego ou noutra qualquer suporte.

É à primeira forma de fixar a candeia que alude a cantiga popular terceirense ³³ :

*«Candeia que não dá luz
Não se espeta na parede»*

O sistema de suspensão de qualquer das lâmpadas tem um tornel que permite modificar a direcção da luz quando a haste está fixa.

O depósito do líquido combustível das candeias de azeite açorianas tem um bico estreitado. A presença de um apoio especializado para a mecha traduz uma diferença fundamental que separa as nossas lâmpadas daquelas cuja torcida se apoia em qualquer parte do bordo e sobretudo daquelas em que a torcida é flutuante. A candeia de cobre das Flores tem uma pequena haste atravessada perto da extremidade do bico para melhor fixar a torcida. Nas candeias duplas a tampa também ajuda a segurar a mecha.

Uma condição essencial à boa qualidade da chama produzida é que a mecha esteja permanentemente embebida, o que também atrasa a sua carbonização. O problema pode ser resolvido enchendo-se adequadamente o depósito ou inclinando-o à medida que o combustível se vai consumindo. As diferentes cremalheiras das lâmpadas açorianas permitem regular a inclinação do depósito e o conseqüente acesso do combustível à mecha e são particularmente adequadas a esta função, na medida em que as candeias são de suspender.

O depósito das lâmpadas açóricas pode ser aberto ou fechado, possuindo, neste último caso, uma tampa articulada que separa a chama do combustível, o que constitui um aperfeiçoamento fundamental. Segundo informações que recolhemos na Ribeira Grande do Pico, quando a candeia não tinha tampa ou

³³ Luís da Silva Ribeiro, «Etnografia terceirense» [...], p. 151. Os versos citados encontram-se igualmente numa quadra minhota. Luís Chaves, *Portugal além*, Gaia, 1932, p. 17.

a perdia, era preciso pôr um pedaço de louça ou de metal sobre o bico para o lume não se propagar ao depósito³⁴.

As candeias duplas são mais aperfeiçoadas porque têm um recipiente inferior que aparava os pingos do azeite e os morrões. O azeite aparado era escorrido no depósito, sendo portanto reaproveitado.

A este facto alude um ditado que recolhemos na Ribeira Grande do Pico: «*O que cai da candeia de cima fica na de baixo*»³⁵.

Este ditado tem um duplo sentido já que com ele também se pretende dizer que os bens do pai passam para os filhos e destes para os netos. Possui igualmente uma conotação erótica, fácil de adivinhar.

A duplicação dos recipientes aumentava a higiene da lâmpada e melhorava a sua utilização nas várias dependências da casa. As candeias que tinham um só recipiente, para serem usadas com um mínimo de limpeza, eram suspensas em suportes especializados (*mancebos*) que possuíam normalmente uma parte inferior destinada a recolher os pingos de azeite que escorriam. De referir que à duplicação dos recipientes corresponde uma mudança no sistema de suspensão, que se torna fixo, e no tipo de cremalheira que é agora uma peça distinta do braço e mais rudimentar.

A intensidade da chama regulava-se modificando a altura da torcida com o auxílio do espevitador: servia para isso qualquer vareta de madeira ou metal, mas, para maior comodidade, o espevitador metálico podia ser suspenso da lâmpada por uma correntezinha. As candeias da Terceira, como já foi dito, além do espevitador podiam ter uma pequena tenaz (*purador*) que servia para o mesmo efeito.

A intensidade da luz e o consumo de combustível dependiam proporcionalmente da grossura da torcida. O tipo de

³⁴ Lurdes Soares, 19-VI-83.

³⁵ Caderno de campo n.º 1, 31-XII-80. Informação de Lurdes e Matias Soares.

azeite utilizado influía muito na qualidade da chama. O *azeite de toninha* era o preferido e consideravam-no superior ao *azeite de baleia* que dava uma luz baça, fumarenta e de cheiro desagradável.

5. CLASSIFICAÇÃO DAS CANDEIAS AÇORIANAS ANALISADAS

Importa agora integrar as lâmpadas estudadas numa sistemática das candeias de azeite que pensamos não ter sido ainda organizada para as luminárias portuguesas.

Candeias de azeite

- . CANDEIA COM UM DEPÓSITO
- .. COM SISTEMA DE SUSPENSÃO MÓVEL
- ... DEPÓSITO ABERTO
- Recipiente e braço formam uma só peça
 - Em ferro : FAIAL, Museu da Horta (2 exemplares); TERCEIRA, Museu de Angra (1 exemplar).
 - Em cobre: FAIAL (1 exemp.), SÃO JORGE (3 exemp.), FLORES (1 exemp.), CORVO (1 exemp.).
- Recipiente com braço cravado
 - SÃO JORGE, Norte Grande (2 exemplares).
- ... DEPÓSITO FECHADO
- Recipiente e braço formam uma só peça
 - PICO, Ribeira Grande (1 exemp.), Santa Cruz das Ribeiras (1 exemp.), Bandeiras (1 exemp.).
- .. COM SISTEMA DE SUSPENSÃO FIXO.

- . CANDEIA COM DOIS DEPÓSITOS (CANDEIA DUPLA)
- .. OS DOIS DEPÓSITOS ABERTOS
- .. O DEPÓSITO SUPERIOR FECHADO
 - PICO, Ribeiras; TERCEIRA, Santa Bárbara.

BIBLIOGRAFIA

- D'ALLEMAGNE, Henry, *Histoire du luminaire depuis l'époque romaine jusq'au 19^e siècle*, Paris, 1891.
- BELMONTE, *No tempo dos bandeirantes*, São Paulo, s.d.
- CHAVES, Luís, *Portugal além*, Gaia, 1932.
- EWBANK, Thomas, *Vida no Brasil*, São Paulo, 1976.
- Exposição de luminária popular*, Coimbra, 1963.
- FERREIRA, J. A. Pinto, «Os metais», in *A Arte Popular em Portugal*, v. 1, Lisboa, s.d., pp. 174-205.
- GARCIA, Eduíno Borges, «A iluminação dos portugueses mais humildes, candeias de folha de Flandres», in *O Comércio do Porto*, 24 de Abril de 1973, p. 16.
- GARSON, J. G., «Exhibition of lamps from the Orkney Islands», in *The Journal of the Anthropological Institut of Great Britain and Ireland*, t. XIII, London, 1884, pp. 275-276.
- HOUGH, Walter, *Collection of heating and lighting utensils in the United States National Museum*, Washington, 1928.
- «Iluminação popular, breve monografia», in *Artes e tradições de Barcelos*, Lisboa, 1979.
- MARQUES, A. H. de Oliveira, *A sociedade medieval portuguesa*, Lisboa, 1964.
- MARTA, Cardoso, «Luminária popular», in *Vida e Arte do Povo Português*, Lisboa, 1940, pp. 159-171.
- NANDRIS, J. H., «Some light on prehistoric Europe», in Strong ed., *Archaeological theory and practice*, London, 1973, pp. 151-161.

PEIXOTO, Rocha, «Iluminação popular», in *Obras*, v. 1, Póvoa de Varzim, 1967, pp. 166-178.

RIBEIRO, Luís da Silva, «Etnografia Terceirense», in *Açoreana*, t. V, 2, Angra do Heroísmo, 1954, pp. 143-160.

— «Indústrias terceirenses de carácter artístico e sua valorização (inquérito)», in *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, t. XIII, Angra do Heroísmo, 1955, pp. 29-64.

ROBINS, F. W., *The story of the lamp (and the candle)*, London, 1939.



Foto 12 — Candeia
dupla do Caminho
de Cima (Pico)
(frente).

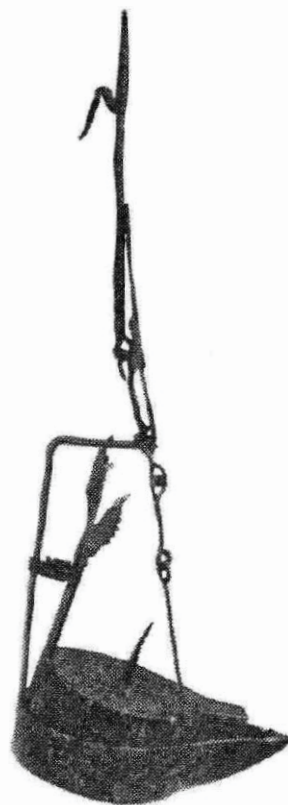


Foto 13 — Candeia du-
pla do Caminho de
Cima (perfil).

Fotos do Autor



Foto 14 — Candeia
dupla da Terceira
(Museu de Angra
do Heroísmo).

Foto do Dr. Maduro Dias

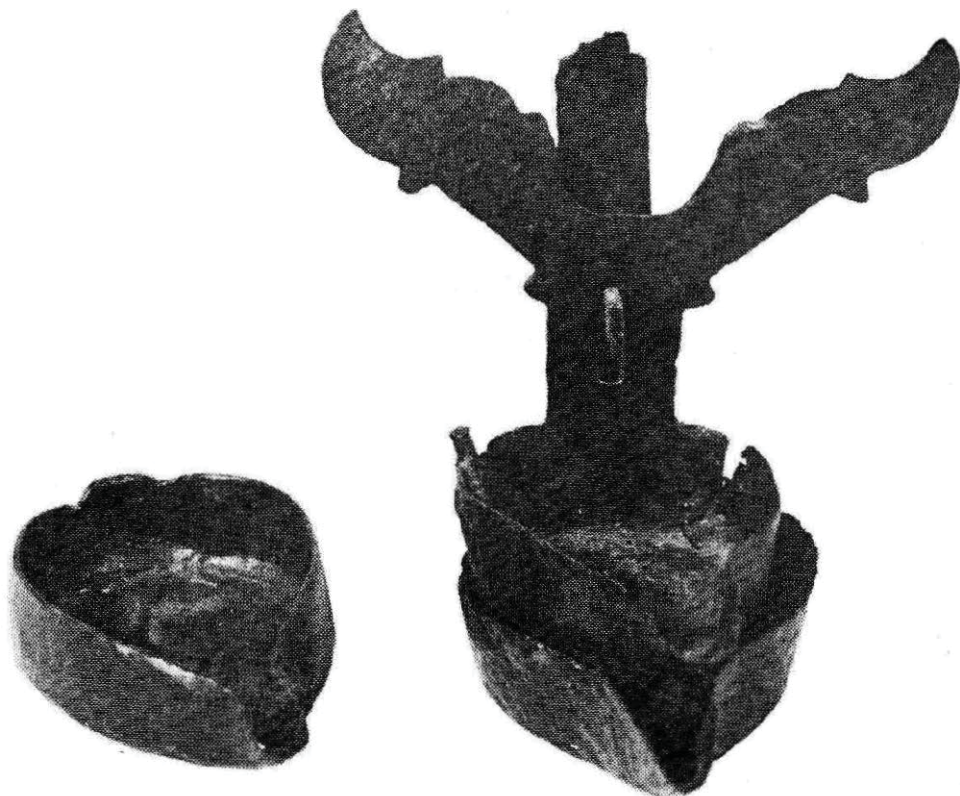


Foto 15 — Candeias da Terceira (Museu de Angra do Heroísmo).

Foto do Dr. Maduro Dias



Foto 16 — Candeia dupla da Terceira (Museu de Angra do Heroísmo).

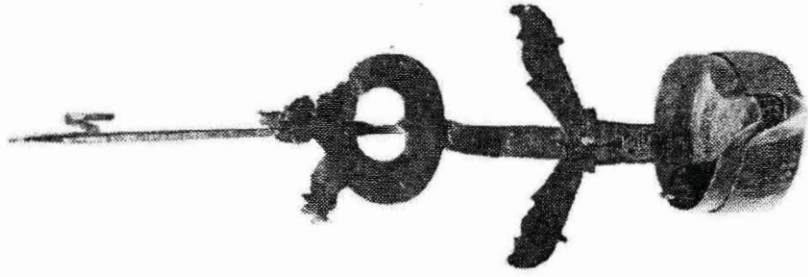


Foto 17 — Candeia dupla da Terceira (Museu de Angra do Heroísmo).

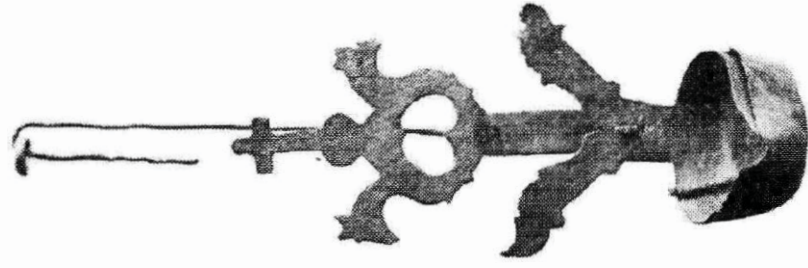


Foto 18 — Candeia dupla da Terceira (Museu de Angra do Heroísmo).



Foto 19 — Candeia dupla da Terceira Coleção de Francisco Ernesto de Oliveira Martins.

Fotos do Dr. Maduro Dias

Fotos do Autor

ADITAMENTO 1

ACHEGAS PARA O ESTUDO DA LUMINÁRIA POPULAR DAS ILHAS S. JORGE E TERCEIRA (AÇORES)

1. UMA NOVA CANDEIA DE S. JORGE (VELAS)

Em 1984 publicámos duas candeias de ferro com sistema de suspensão móvel que observámos no Norte Grande de S. Jorge¹. As duas lâmpadas tinham uma particularidade que as distinguiu de outras do mesmo tipo existentes nos Açores: o braço-cremalheira era cravado. Na altura considerámos esta característica uma inovação ou um desvio do modelo tradicional em que o recipiente e o braço eram forjados numa só peça. E sempre pensámos que teriam existido em S. Jorge candeias de ferro feitas no sistema tradicional, muito embora as pesquisas de campo efectuadas não tivessem dado quaisquer resultados. Só em data recente, e graças à gentil colaboração de uma Jorgense, a Dr.^a Bernardete Amarante, pudemos observar uma peça do tipo tradicional que pertence à colecção do marido, Eng.^o Alberto Albergaria Pacheco. O aparecimento desta lâmpada permite-nos completar agora a sistemática das candeias de ferro de S. Jorge.

¹ Rui de Sousa Martins, «Contribuição para o estudo da luminária popular açoriana», in *Arquipélago*, Série Ciências Humanas, vol. VI, Ponta Delgada, 1984, pp. 227-279 (23-25 da separata).

A lâmpada foi encontrada na Vila das Velas no decurso de trabalhos realizados em casa da senhora Viscondessa da Ribeira.

É uma candeia com depósito aberto e que infelizmente perdeu o aparelho de suspensão, tendo a parte do bico mutilada. Recipiente com plano ovóide²; bordos baixos, ligeiramente convexos e esvasados; fundo plano. Braço curvo para a frente com raiz horizontal em arco quebrado; tem quatro dentes e cinco entalhes na aresta inferior e a extremidade fendida em duas pontas uma das quais já não conserva o rebite (Fig. 1 e Foto 1).

Dimensões:

altura total, 104 mm

recipiente: comp. actual, 90 mm; largura máx. 76 mm;
alt., 17 mm.

2. UMA CANDEIA DUPLA DA TERCEIRA (RAMINHO)

Já nos debruçámos em trabalho anterior sobre as candeias duplas terceirenses, de tipo Santa Bárbara, existentes quer nas colecções etnográficas do Museu de Angra quer na colecção do senhor Francisco Ernesto de Oliveira Martins. Todos os exemplares observados estavam mais ou menos incompletos.

Posteriormente, ao visitarmos a colecção etnográfica da Casa do Povo do Raminho, graças à amável autorização do Sr. Carlos António Simas Bretão, pudemos estudar uma candeia dupla, do tipo citado, que conserva o aparelho de suspensão e tem os motivos decorativos em bom estado, faltando-lhe, porém, a tampa. A lâmpada foi adquirida no Raminho à Sr.^a Josefina Augusta Vieira³.

² Referimo-nos ao plano da superfície do fundo.

³ Caderno de Campo n.º 17, 12-4-84.

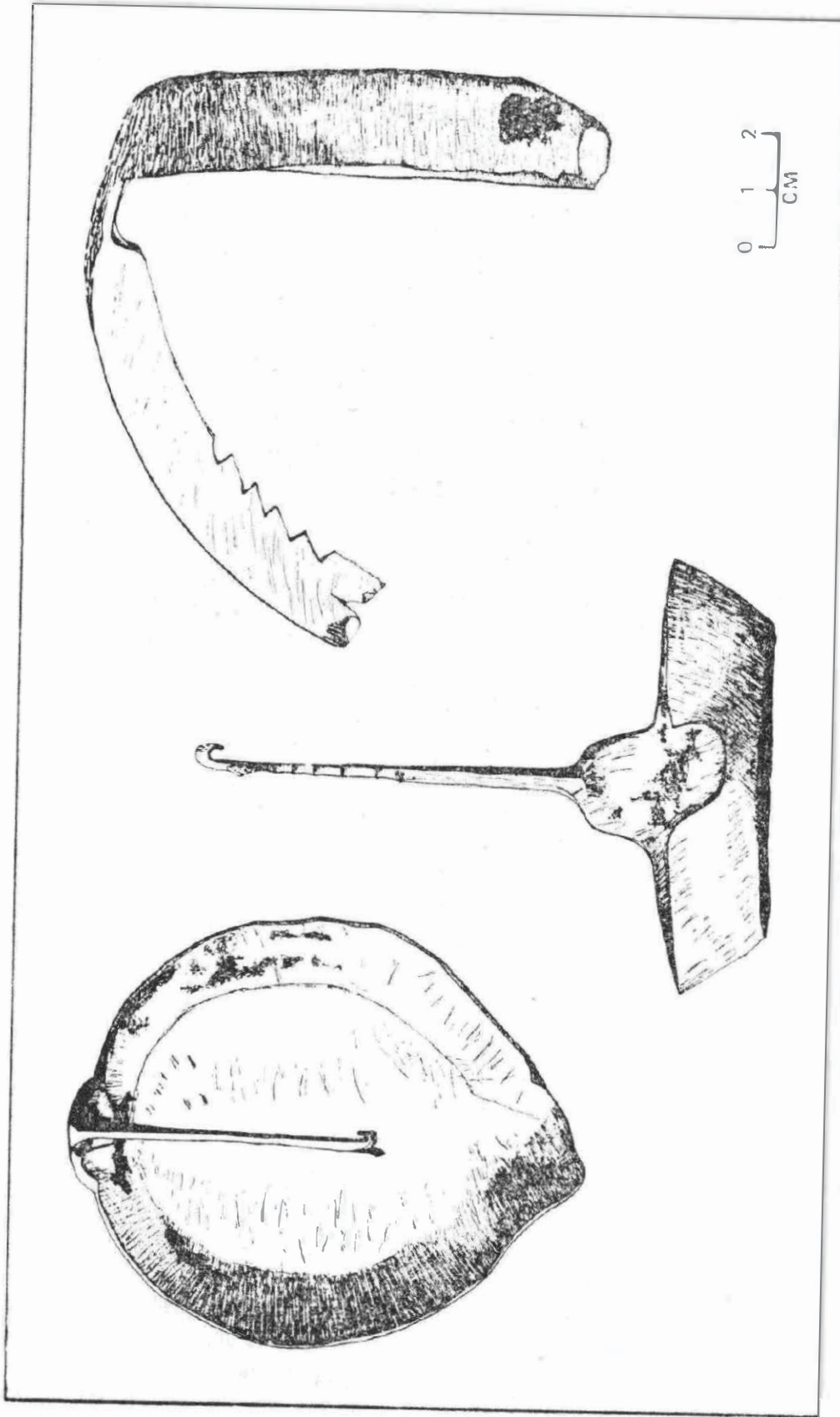


Fig. 1 — Candeia de ferro de S. Jorge (Velas)

Des. de Joaquim Franco

O reflector da candeia tem características semelhantes ao de uma lâmpada do Museu de Angra ⁴: coração com a parte superior curva e, portanto, sem a extremidade quadrangular comum noutras candeias tanto da Terceira como do Pico e dois recortes côncavos e simétricos no contorno do espelho. No depósito móvel, o recorte da aresta superior das asinhas, junto ao ângulo de divergência, é igual ao de outras candeias do Museu de Angra ⁵ e desconhecido nas candeias do Pico. A pequena cremalheira rectangular, com dois dentes, tem dois pequenos entalhes na extremidade ⁶.

O gancho de suspensão tem secção quadrangular, enquanto a do tornel é circular (Fotos 2 e 3).

Dimensões:

altura total da lâmpada 320 mm.

⁴ Rui de Sousa Martins, *op. cit.*, Fig. 19 e Foto 18.

⁵ *Ibid.*, p.

⁶ A extremidade da cremalheira de uma candeia dupla do Museu de Angra foi ornamentada com um entalhe. *Ibid.*, Foto 16. Uma outra candeia do mesmo Museu tem a extremidade da cremalheira ornamentada com um pequeno ressalto. *Ibid.*, Foto 18. Caderno de Campo n.º 13, 22-8-83.

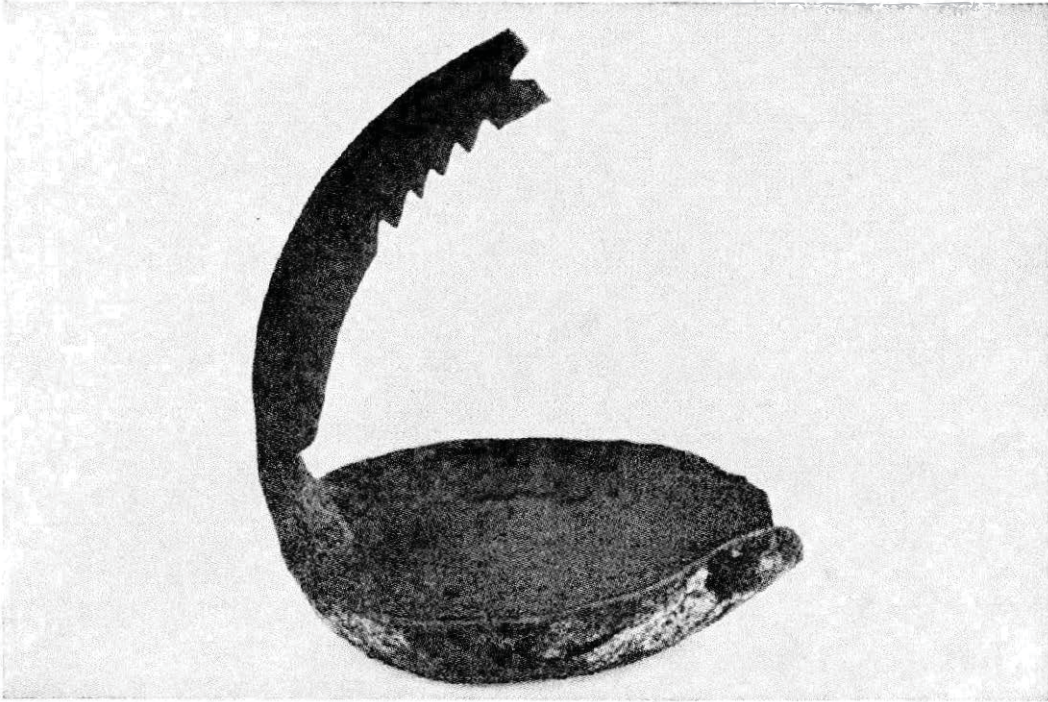


Foto 1 — Candeia de ferro de S. Jorge (Velas).

Foto do Autor

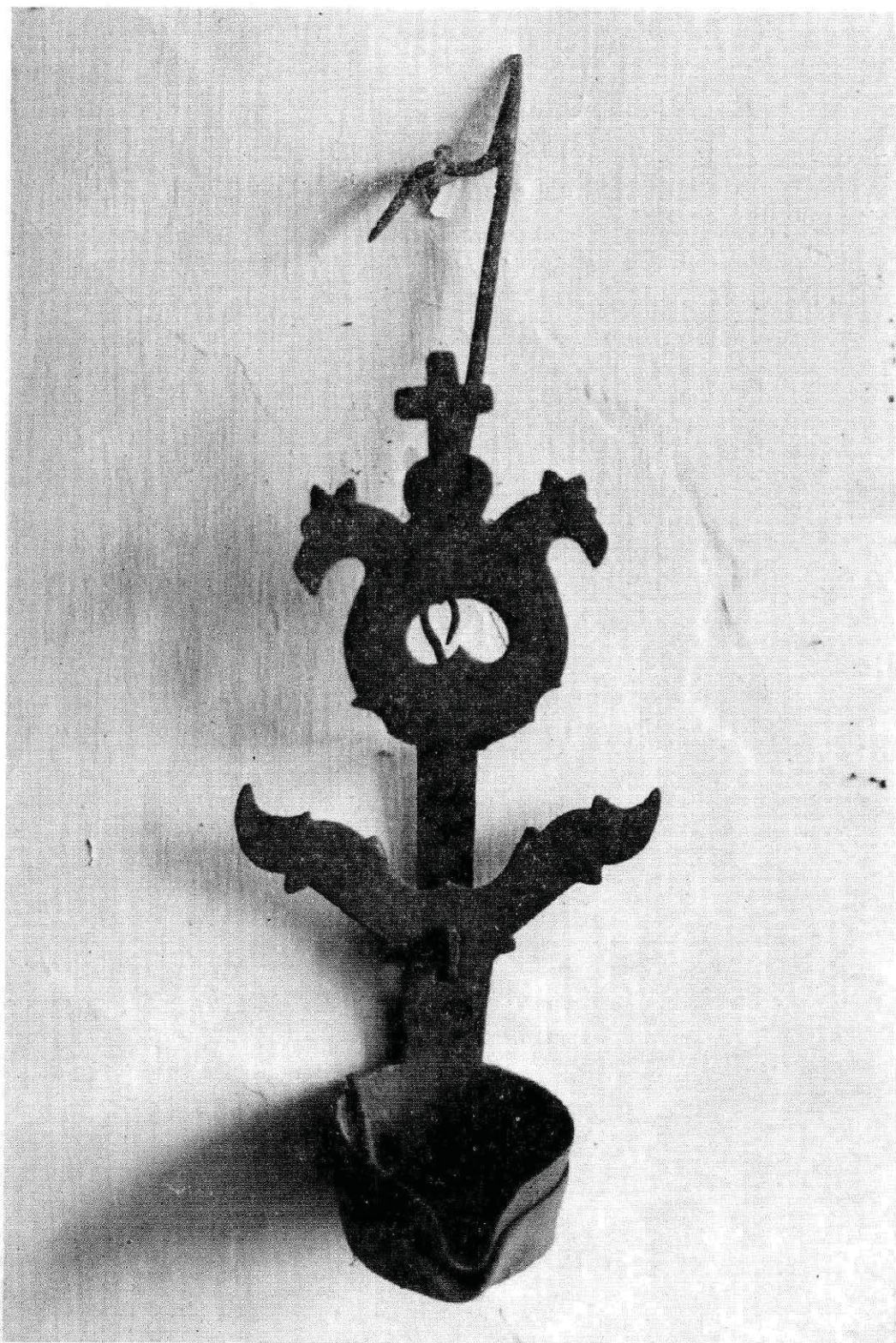


Foto 2 — Candeia de ferro da Terceira (Raminho).

Foto do Autor

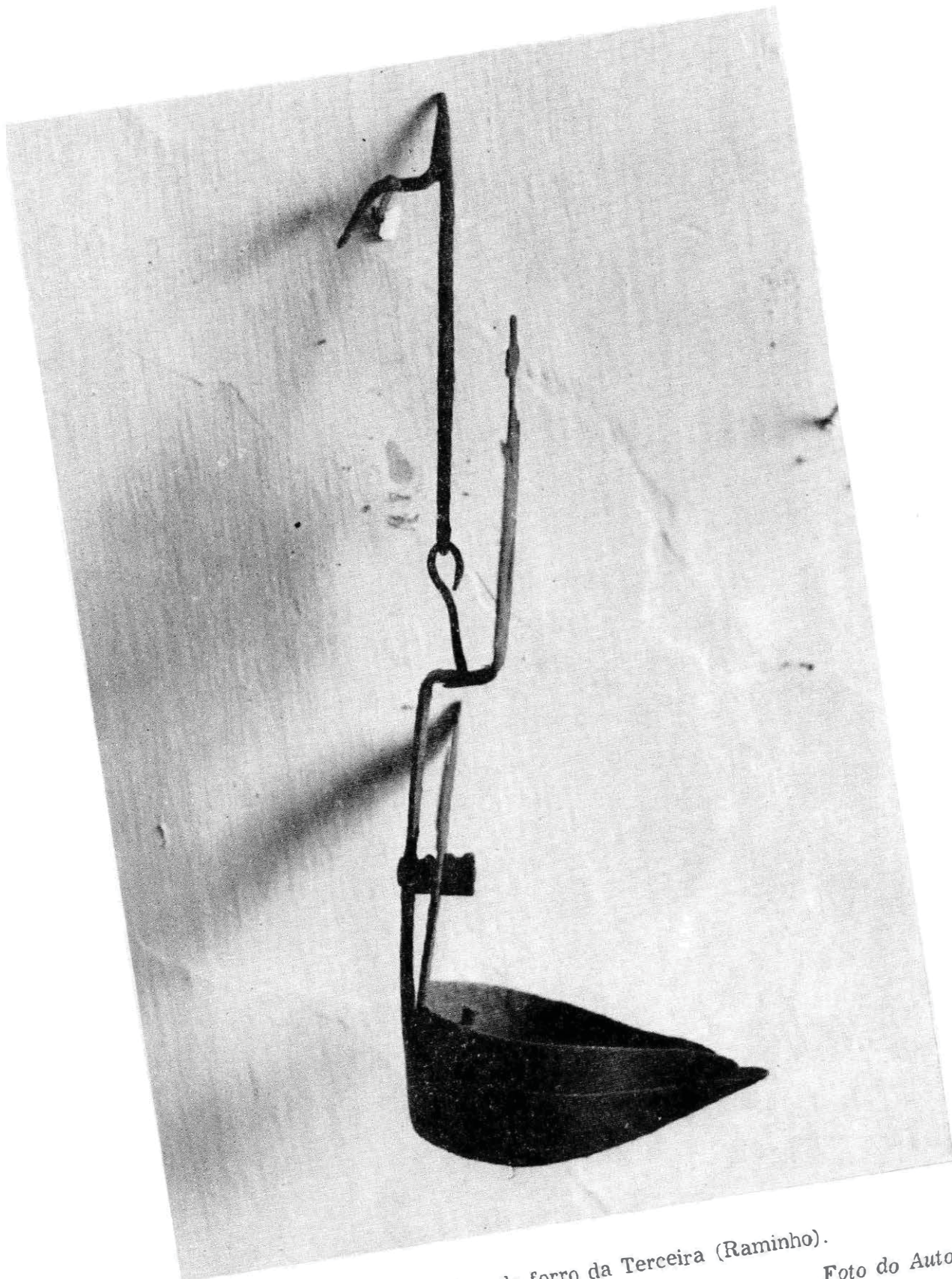


Foto 3 — Candeia de ferro da Terceira (Raminho).

Foto do Autor

ADITAMENTO 2

A LUMINÁRIA POPULAR NAS ILHAS DAS FLORES E CORVO

0. PRÓLOGO

A elaboração destas notas sobre as candeias das Flores e do Corvo, assunto que já tínhamos abordado em estudo anterior, só foi possível devido à dedicada colaboração do Sr. João Gomes Vieira, responsável pela organização do Museu Etnográfico das Flores, que tem desenvolvido um trabalho de muito mérito em prol do património etnológico da ilha mais ocidental da Europa. A colaboração que se estabeleceu entre o Museu das Flores e o Centro de Estudos Etnológicos da Universidade dos Açores concretiza, neste trabalho, os seus primeiros frutos.

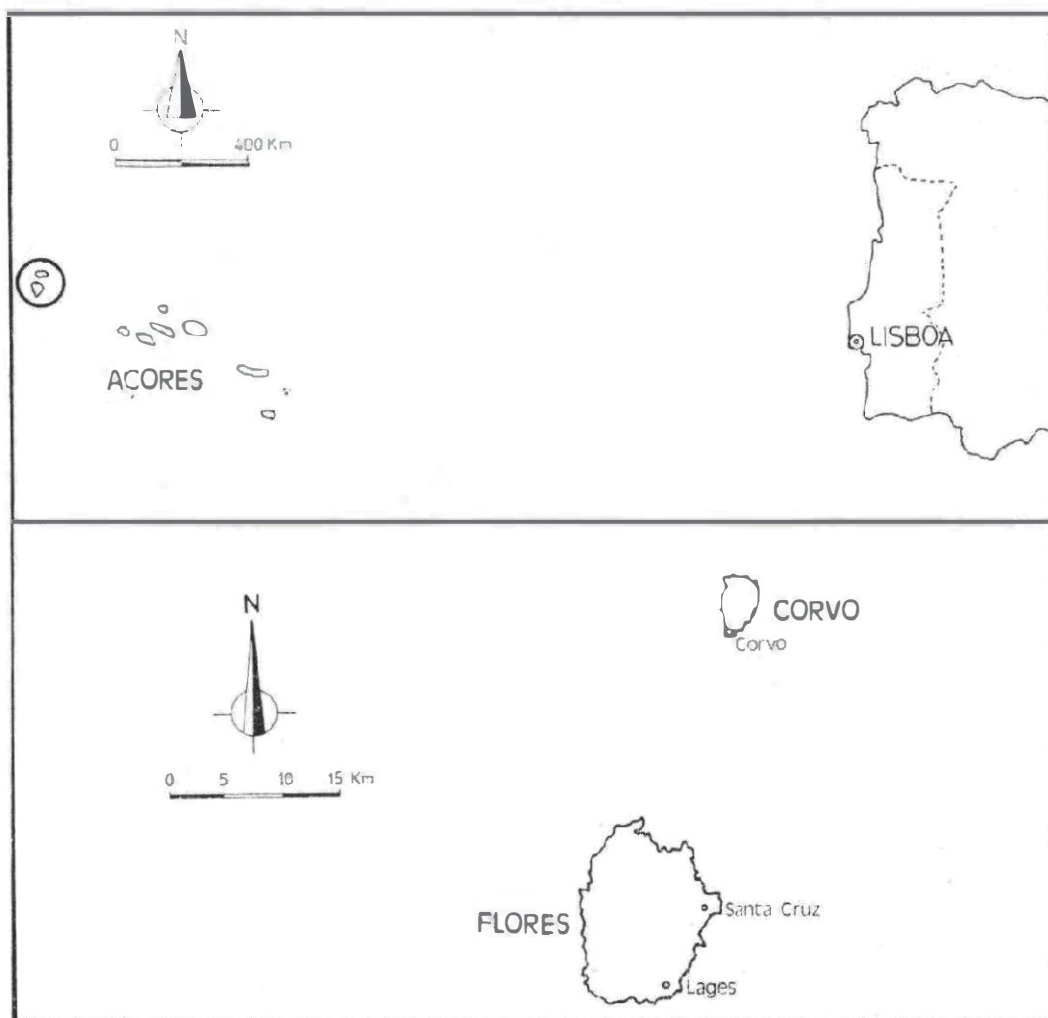
Não foi de todo fácil reunir os dados que agora se publicam, pois muitos e valiosos elementos da cultura tradicional açoriana encontram-se ignorados em diversos locais da Europa e da América, para onde foram, ligados ao destino dos emigrantes e daqueles que fizeram estadias mais ou menos prolongadas no Arquipélago. Mas a generosidade das pessoas ajudou-nos a vencer todas as dificuldades e, por isso, este trabalho deve ser entendido como uma obra colectiva de todos os que nele participaram.

Ao emérito Florense, Professor Doutor Gustavo de Fraga, agradecemos a sua disponibilidade e a preciosa colaboração que nos prestou. A Sr.^a Madalena Amaral Fortes acolheu-nos com a maior simpatia e a sua liberalidade facilitou imenso o nosso trabalho.

Devemos uma menção muito especial à Sr.^a Josefina Marques Lopes Ferreira que trabalhou alguns anos nas Flores e é hoje uma ceramista-escultora de reconhecido talento. Sem o apoio que nos prestou, e que exigiu alguns sacrifícios da sua parte, este trabalho teria ficado mais pobre.

À arte de Joaquim Franco, Mikel Hudec e Carlos Guerreiro devemos os excelentes desenhos que ilustram o texto.

Aos fotógrafos Abílio Barata e Mário Soares uma palavra de agradecimento e homenagem pela qualidade dos trabalhos que uma vez mais acederam fazer para o Centro de Estudos Etnológicos.



Des. de Mikel Hudec

1. CANDEIAS DA ILHA DAS FLORES

1.1. CANDEIAS DE BARRO

Na Vila de Santa Cruz das Flores, durante as obras que no início da década de 70 foram realizadas na igreja do convento franciscano de S. Boaventura (séc. XVII), ao removerem-se entulhos junto do altar-mor, apareceram quatro candeias cerâmicas de que se conservam apenas três exemplares. Uma delas faz hoje parte de colecção particular da Terceira e as outras duas pertencem actualmente às colecções etnográficas do Museu das Flores. Estas peças têm o maior interesse, pois são as únicas candeias de barro que até agora encontramos nos Açores. É sobre elas que nos vamos debruçar.

1.1.1. ANÁLISES DESCRITIVAS E TÉCNICAS

LÂMPADA N.º 1

Descrição morfológica

Candeia cerâmica constituída por um recipiente com bico estreitado. Lados convexos acentuadamente divergentes¹, lábio sem inflexão e com a extremidade convexa. O fundo interior é côncavo e o exterior é plano e circular. Bico inclinado para baixo com bordos virados para o interior, lábios paralelos e extremidade convexa. O bico resulta do estreitamento da parte superior dos lados do recipiente (Fig. 1, Foto 1).

Dimensões:

comp., 104 mm; larg., 92 mm; diâmetro do fundo exterior, 31 mm; espessura média da secção, 4 mm.

¹ Descreve-se a secção vertical perpendicular ao eixo do bico.

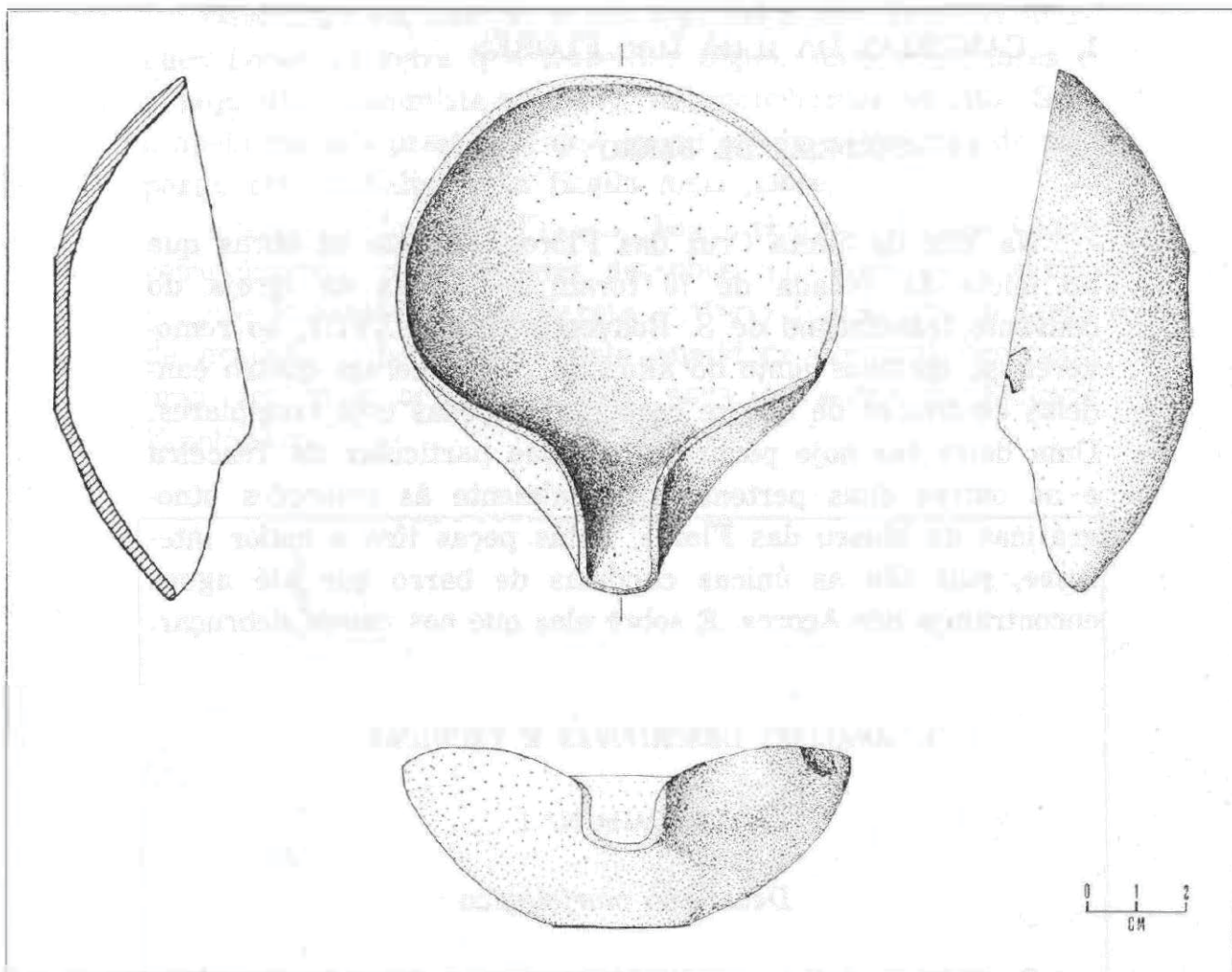


Fig. 1 — Candeia de barro das Flores (Santa Cruz).

Des. de Joaquim Franco

Descrição técnica

Pasta compacta, castanha avermelhada no interior e mais escura à superfície. Contém elevada percentagem de desengordurante (areias), o que dá uma certa aspereza às superfícies. Na composição das areias entram diminutos fragmentos de minerais e rochas: cristais de anfíbula ou piroxena; frag-

mentos de rocha escura, muito provavelmente basalto e, em menor percentagem, cristais claros de feldspato².

A peça foi feita ao torno de oleiro, sendo claramente visíveis, em toda a face interior, finas estrias provocadas pela pressão dos dedos ásperos do oleiro na superfície do recipiente em rotação.

Estado de conservação e sinais de uso

O lado esquerdo apresentava uma fenda que desapareceu quando do restauro da peça³.

O bordo esquerdo tem uma pequena falha que atingiu as duas faces. O bico apresenta-se muito escurecido, o que é sinal de larga utilização.

LÂMPADA N.º 2

Descrição morfológica

Candeia de barro constituída por um recipiente dotado de um pequeno bico estreitado. Lados ligeiramente côncavos-divergentes em baixo e convexos-divergentes na parte superior. Lábio sem inflexão e com a extremidade convexa. O fundo interior é côncavo, irregular e o exterior é plano e circular. O bico é muito pequeno, inclinado para baixo, tem os bordos convergentes e resulta do estreitamento do lábio (Fig. 2, Foto 2).

Dimensões:

comp., 66 mm; larg., 59 mm; alt., 33 mm; diâmetro do fundo exterior, 31 mm; espessura média da secção, 4 mm.

² A análise do desengordurante das duas candeias de barro foi efectuada pela Dr.ª Maria Helena Ferreira, geóloga da Universidade dos Açores, a quem agradecemos a gentil colaboração.

³ O excelente trabalho de restauro foi efectuado pela Dr.ª Maria Helena Félix Lopes do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Lisboa).

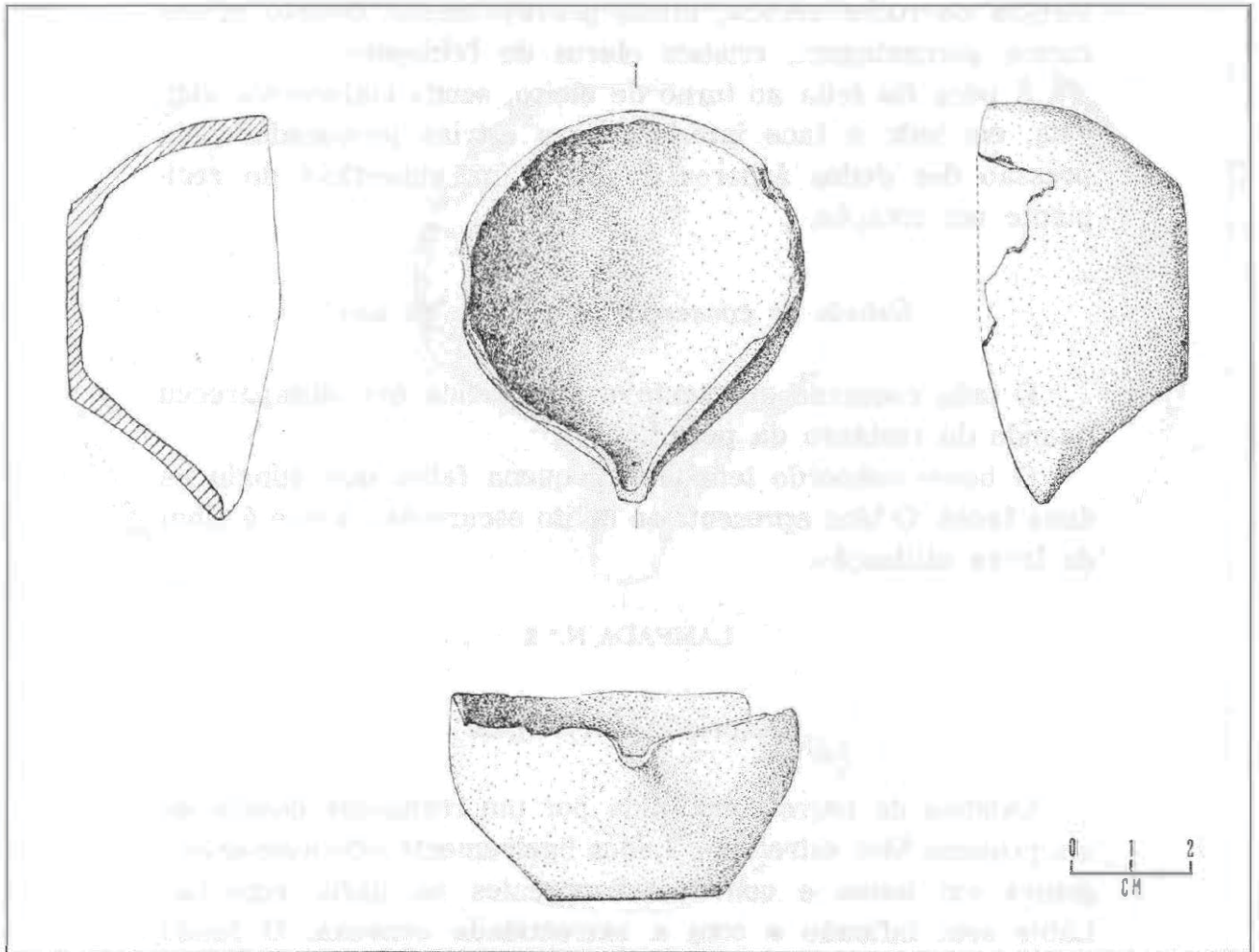


Fig. 2 — Candeia de barro das Flores (Santa Cruz).

Des. de Joaquim Franco

Descrição técnica

Pasta compacta, castanha avermelhada, com o cerne enegrecido e superfícies escuras. Tem grande percentagem de areia fina, desengordurante que torna as superfícies ásperas. Na composição da areia, além do basalto (?), da piroxena, da anfíbula e do feldspato (?) são visíveis pequenos fragmentos brancos de conchas marinhas.

Esta peça deve ter sido feita ao torno de oleiro.

Estado de conservação e sinais de uso

O bordo direito apresenta várias falhas e o esquerdo está bastante partido. O bico mostra-se escurecido devido à utilização.

1.1.2. COMENTÁRIOS ETNOLÓGICOS

A. *Uso e função das candeias*

Há uma estreita relação entre a forma, o uso e a função destas lâmpadas. A sua presença junto ao altar da igreja de S. Boaventura indicia claramente uma função: iluminar o espaço religioso. No entanto, pensamos que, embora participando do sagrado, a sua utilização seria sobretudo festiva e complementar das luzes privilegiadas da iluminação sagrada que eram e são ainda as velas de cera. Este tipo de lâmpadas raramente se usava isolado, mas acendiam-se vários exemplares que, convenientemente dispostos, produziam o efeito visual desejado.

Devido à função que desempenhariam, as candeias de barro não deveriam queimar *azeites de peixe*, usados na iluminação doméstica, ou qualquer outro combustível fumarento e de cheiro desagradável. Mas o facto dos recipientes terem um bico indica o consumo de um combustível líquido ou uma gordura animal, sendo estes escolhidos de forma a evitar os inconvenientes citados.

As lâmpadas não tinham qualquer acessório de pegar ou suspender, visto que estes não eram necessários. Pousavam-se no local pretendido e para isso bastava o fundo plano que fornecia uma base de apoio estável.

B. *Local de manufactura e exemplares paralelos*

O tipo de desengordurante incorporado no barro com que foram feitas as duas candeias florenses permite-nos afirmar, com pouca margem de dúvida, que foram feitas nos Açores. Mas em que ilha? João Gomes Vieira defende que teriam sido feitas na própria ilha das Flores, pois o tipo de barro é em tudo idêntico ao de outros objectos por ele conhecidos e de comprovada feitura local⁴. Esta hipótese obriga-nos a mergulhar um pouco na história da olaria florense, sobre a qual Eduino Borges Garcia publicou, em 1973, um valioso artigo, baseado em informações colhidas pelo florentino Jacob Tomaz e onde divulga preciosos elementos sobre a arte de barro nas Flores. Por volta de 1830, ter-se-iam estabelecido na Costa do Lajedo três oleiros provenientes do Faial⁵, um dos quais, o mestre José (*Dançarino*), era muito hábil a tornear louça, produzindo peças muito perfeitas. A pasta era preparada com uma mistura de barro vermelho, muito plástico, tufo de cor negra e areia.

⁴ João Gomes Vieira. *Breves notas sobre a iluminação tradicional na ilha das Flores*, in *Diário dos Açores* (27-6-85), Ponta Delgada, 1985. E informações transmitidas pessoalmente.

⁵ Eduino Borge Garcia, «Olaria e cerâmica das ilhas dos Açores: vida e morte da olaria da Floresta Adormecida», in *O Comércio do Porto* (23-1-1973), Porto, 1973.

Em 1821 trabalhavam nove oleiros na Horta (Freguesia da Conceição), mas em 1833 apenas seis exerciam a sua actividade. Foi portanto antes de 1833 que os três oleiros faialenses se instalaram nas Flores.

Manuel José de Arriaga Brum da Silveira, *Memória geographica, estatística, política e histórica sobre as ilhas do Fayal, e Pico ...*, Lisboa, 1821.

Anais do Município das Lajes das Flores, Lajes das Flores, 1970, p. 144.

A ilha do Faial exportou, em Julho de 1858, 4.800 peças de barro para as Flores e a 29 do mesmo mês, o iate *Santa Cruz* transportou mais louça de barro para o mesmo destino. *Ibid.*, p. 74, nota 11.

Mas as Flores importavam igualmente louça de outras ilhas. Em 1809 foi importada uma canastra de louça de S. Miguel. *Ibid.*, p. 153.

Não durou muito a actividade destes oleiros faialenses, pois, cerca de 1880, as oficinas da Costa de Lajedo já teriam deixado de funcionar⁶. Portanto, se as candeias foram torneadas nas Flores, só o podiam ter sido no período que vai de 1830 a 1880.

Uma outra questão prende-se com a origem da forma das lâmpadas. Teriam sido os oleiros faialenses os portadores do modelo? Neste caso é muito provável que se tivessem feito candeias de barro na ilha do Faial⁷. Mas também pode ter acontecido que a feitura desse tipo de lâmpadas tenha sido desencadeada por encomenda de alguém que conhecesse o modelo ou tivesse um exemplar.

Candeias de barro, constituídas apenas por um recipiente com bico estreitado, foram modeladas em vários centros oleiros do continente: Tomar⁸, Nazaré⁹, Serpa e Lagos¹⁰. As de Serpa e de Lagos eram usadas na iluminação de adegas e lagares, mas as lâmpadas da Nazaré eram colocadas nas janelas e varandas quando passavam as procissões, estando por isso ligadas ao culto religioso. O mesmo tipo de utensílio tem aparecido igualmente em estações arqueológicas sendo considerado de feitura árabe (período Islâmico)¹¹.

⁶ Em 1848, na povoação de Costa, perto do Lajedo, os habitantes «... fabricam telha e louça, para consumo desta ilha e do Corvo...», *ibid.*, p. 63.

⁷ Pusemos esta questão ao P.^e Júlio da Rosa, conhecido estudioso da história faialense, que nos disse nunca ter visto qualquer candeia de barro no Faial.

⁸ Rocha Peixoto, «Iluminação popular», in *Obras*, vol. I, Póvoa de Varzim, 1967, p. 172.

⁹ João Saavedra Machado, «O museu do Dr. Joaquim Manso e o artesanato local. A última olaria da Nazaré», in *Actas do colóquio sobre artesanato*. Coimbra, 8 a 11 de Novembro de 1979, Coimbra, 1982, p. 110, figura 21.

¹⁰ Rocha Peixoto, *op. cit.*, p. 171.

¹¹ A título de exemplo podemos referir duas peças pertencentes ao Museu da Cidade de Lisboa e que observámos recentemente.

1.2. CANDEIAS DE FERRO

As candeias de ferro que existiram nas Flores são hoje extremamente difíceis de encontrar. Apenas conseguimos ver uma que foi oferecida em 1957, pelo Padre José Maria Álvares, pároco dos Cedros, ao Professor Doutor Gustavo de Fraga, fazendo hoje parte da colecção da Sr.^a Madalena Amaral Fortes.

Descrição morfológica

Trata-se de uma candeia em ferro forjado com um depósito aberto constituído por um recipiente côncavo, de plano oval alongado que se estreita num bico curto. Tem os bordos muito adelgaçados e a parte posterior direita é mais alta. Braço com raiz alargada e assimétrica que se prolonga numa lâmina rectangular com a metade superior dobrada em «S». A secção terminal alarga-se até à extremidade, revirada para cima, e tem um largo furo circular. É uma peça bastante rude e assimétrica, com pátina muito escura e o fundo corroído perto do bico (Fotos 3 e 4).

Dimensões:

altura total, 170 mm

recipiente: comp., 175 mm; larg., 105 mm; alt., 35 mm;
comp. do bico, 30 mm; diâm. do furo, 8 mm.

Comentário etnológico

Esta candeia florense tem características morfológicas que constituem uma novidade no contexto das lâmpadas açorianas em ferro forjado que temos vindo a estudar: um só depósito de fundo côncavo com o braço dobrado em «S».

No entanto, já tinha sido publicada uma lâmpada existente na cidade do Porto com características idênticas e datada do século XV-XVI (?) ¹² (Foto 5).

Relativamente à candeia em estudo, seria importante tentar resolver o problema da forma de suspensão já que, na nossa perspectiva, esse é um importante elemento classificativo.

A lâmpada do continente, a que nos referimos, está completa e tem um sistema de suspensão fixo com tornel e gancho. No entanto, como se pode ver pela fotografia, estamos perante uma peça que foi consertada. É natural que a candeia das Flores tivesse tido um sistema de suspensão semelhante que se tivesse perdido. Neste caso, a última secção do braço, actualmente inclinada, deveria ser horizontal para garantir um melhor equilíbrio de depósito.

Graças às pesquisas de João Gomes Vieira, foi possível recolher o nome de um mestre que forjou candeias de ferro nas Flores. Trata-se de João Seródio que teria trabalhado como ferreiro, nas Lajes, até por volta de 1910 ¹³.

1.3. CANDEIAS DE COBRE

Na ilha das Flores, foi muito frequente o uso de candeias de cobre, das quais se conservam ainda alguns exemplares, tendo sido possível recolher um conjunto de informações de interesse, visto que a sua feitura se manteve, pelo menos, até à Segunda Guerra Mundial.

¹² J. A. Pinto Ferreira, «Os metais», in *A Arte Popular em Portugal*, vol. I, s./d., p. 182.

¹³ Informação de João Gomes Vieira, carta de 21-6-84.

Descrições morfológicas

CANDEIA N.º 1

Esta lâmpada pertence à Sr.^a Josefina Marques Lopes Ferreira e foi o único exemplar completo que conseguimos observar e, segundo nos informaram, teria sido feita, nas Lajes, pelo ferreiro José da Costa Botelho (1899-1984)¹⁴.

É uma candeia de cobre com um só depósito aberto. Recipiente de plano ovóide, bordos baixos, direitos e esvasados; fundo plano; bico estreitado, curto, inclinado para cima e com a extremidade recortada. A ligação bico-bordos é curva. Braço-cremalheira encurvado para a frente, com raiz horizontal em arco quebrado e lâmina vertical com quatro entalhes e três dentes na aresta inferior, sendo a extremidade fendida em dois rebites ponteagudos. O recipiente e o braço formam uma só peça. O sistema de suspensão é móvel e constituído por três peças articuladas. O suporte, cuja secção inferior se estreita em direcção à extremidade angulosa, tem um rasgo vertical onde se encaixa o braço. Secção média com orifício circular para fixação do tornel, terminando num espelho recortado, subrectangular, de lados côncavos e quartéis superiores convexos, do meio dos quais emerge uma cruz latina. Os contornos laterais do espelho são biselados. O tornel tem secção circular e cabeça plana. A haste de suspensão é em ferro e termina num gancho curvo (Fotos 6 e 7).

Dimensões:

altura total, 270 mm
recipiente: comp., 105 mm; larg., 66 mm; alt., 19 mm
espelho: alt., 61 mm; larg., 38 mm.

¹⁴ A informação sobre a feitura desta lâmpada foi-nos transmitida pessoalmente pelo Sr. João Gomes Vieira. A Sr.^a Josefina Ferreira tem uma outra candeia idêntica mas sem o aparelho de suspensão.

Exemplares paralelos

O Museu das Flores possui uma candeia semelhante, proveniente dos Morros das Lajes, à qual falta apenas a haste de suspensão. A extremidade da secção inferior do suporte é trifacetada (Foto 8).

CANDEIA N.º 2

Foi recolhida nos Morros das Lajes pela Sr. João Gomes Vieira, fazendo parte das colecções do Museu das Flores e pensamos que também deve ter saído da oficina de José da Costa Botelho.

Candeia de cobre com um só depósito aberto, constituído por um recipiente de plano ovóide, alongado, com bordos baixos e côncavos, ligeiramente divergentes. Fundo levemente côncavo e bico estreitado e curto com a extremidade dobrada para o interior. A ligação bordos-fundo é curva e muito irregular. O recipiente tem o perfil superior convexo. Braço-cremalheira encurvado para a frente, com raiz horizontal triangular, lâmina vertical com seis entalhes e cinco dentes, e a extremidade fendida em dois rebites rectangulares. O sistema de suspensão conserva apenas o suporte móvel e o tornel não é de origem, tendo sido acrescentado recentemente. O suporte tem a secção inferior rectangular e bastante longa, com um rasgo para fixação do braço e, um pouco acima, à direita, um orifício circular. A secção média, com um furo circular, é muita curta e a parte superior é constituída por um espelho recortado, ovóide, que se estreita superiormente num remate de lados côncavos e encimado por um apêndice rectangular. Dos ângulos laterais superiores e inferiores partem pontas curvas e aguçadas. O contorno do espelho é biselado (Fotos 9, 10 e 11).

Toda a lâmpada está escurecida e manifesta sinais de muito uso, tendo o bordo esquerdo bastante deteriorado. O recipiente,

muito assimétrico, manifesta uma feitura rude e imperfeita e os bordos são adelgaçados e irregulares. O orifício, na secção inferior do suporte, deveria servir para suspender o espevitador.

Dimensões:

altura total, 245 mm
recipiente: comp., 122 mm; larg., 67 mm; alt., 32 mm
espelho: alt., 72 mm; larg., 54 mm.

CANDEIA N.º 3

Esta lâmpada, proveniente de Santa Cruz das Flores, pertence à Sr.^a Cecília dos Santos Páscoa, de Angra do Heroísmo, e a sua existência foi-nos noticiada pelo Sr. Francisco Ernesto de Oliveira Martins ¹⁵.

Trata-se de uma candeia de cobre com depósito aberto, plano ovóide, bordos altos e convergentes, de contorno superior convexo, fundo plano, bico estreitado e longo que apresenta uma pequena haste de secção circular, atravessada perto da extremidade. Braço de raiz triangular muito irregular, inclinado para a frente e com três entalhes e dois dentes perto da extremidade fendida que conserva apenas um rebite (Fig. 3; Fotos 12 e 13).

Dimensões:

altura total, 117 mm
recipiente: comp., 123 mm; larg., 62 mm; alt., 32 mm.

¹⁵ Rui de Sousa Martins, «Contribuição para o estudo da luminária popular», in *Arquipélago*, Série Ciências Humanas, vol. VI, Ponta Delgada, 1984, p. 286 (32 da separata). Fotos 9-10.

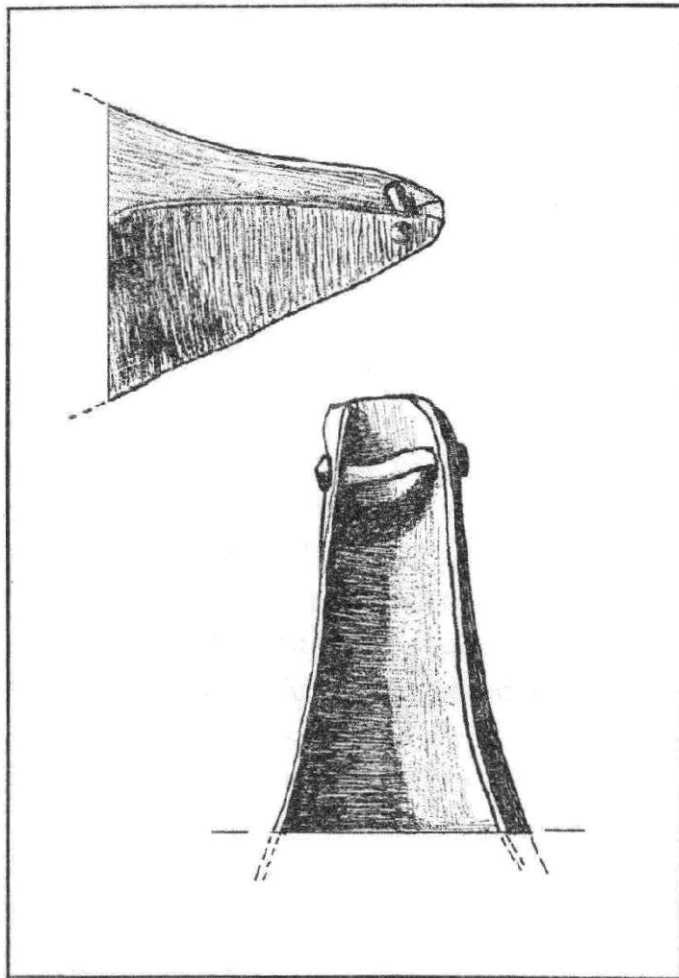


Fig. 3 — Pormenor do bico da candeia das Flores.

Des. de Joaquim Franco

CANDELA N.º 4

Esta lâmpada veio da Fajãzinha (Fajã Grande), e pertenceu à família Corvelo, fazendo hoje parte das colecções do Museu das Flores. Já não conserva o sistema de suspensão e o bico tem a extremidade revirada para dentro. O braço tem uma pequena raiz, grosseiramente triangular, e a metade superior é encurvada para a frente com três dentes e quatro

entalhes na aresta inferior. A extremidade é fendida em dois rebites arredondados (Foto 14).

Dimensões

altura total, 104 mm

recipiente: comp., 92 mm; larg., 62 mm; alt., 20 mm.

CANDEIA N.º 5

Esta candeia pertence ao Museu das Flores e foi recolhida nos Morros das Lajes pelo Sr. João Gomes Vieira. Só conserva o depósito e o lábio do recipiente tem uma ligeira rebarba na face interna. A extremidade do bico é revirada para baixo e o braço, de raiz rectangular muito pequena, tem cinco entalhes e quatro dentes rombos, apresentando na extremidade dois rebites rectangulares. Este depósito, feito em grossa chapa de cobre, é invulgarmente pesado (200 gramas)¹⁶ (Foto 15).

Dimensões:

altura total, 93 mm

recipiente: comp., 110 mm; larg., 67 mm; alt., 19 mm.

Comentário etnológico

Este interessante conjunto de candeias de cobre é, sem dúvida, o mais importante e numeroso que até agora conseguimos detectar no arquipélago açoriano.

Na ilha das Flores parece ter havido mesmo um claro processo de generalizada substituição das lâmpadas de ferro pelas de cobre com sistema de suspensão móvel. É possível que na ilha de S. Jorge tivesse existido um processo seme-

¹⁶ O peso dos depósitos de cobre ronda normalmente os 100 gr.

lhante mas, até agora, só conseguimos comprová-lo na região da Calheta ¹⁷.

Além disso, só conhecemos mais uma lâmpada de cobre que foi recolhida no Faial ¹⁸. Mas é importante lembrar que este tipo de candeias foi produzido em grande quantidade no Brasil oitocentista, não se conhecendo fenómeno paralelo em Portugal continental ¹⁹. Sem pretendermos por enquanto defender uma influência brasileira nos Açores, visto que, tanto aqui como no Brasil, se fizeram candeias de ferro do mesmo tipo, das quais teriam derivado as de cobre, importa sublinhar a existência sincrónica do mesmo elemento cultural nos dois espaços.

As candeias das Flores são relevantes ainda sob outros aspectos. Uma delas (n.º 1) está completa, mas a haste de suspensão é em ferro e bastante rudimentar. Teria substituído um gancho de cobre que se perdeu? A resposta não é simples, pois sabemos que candeias de cobre e de folha-de-flandres mantiveram ganchos de ferro, herança das lâmpadas forjadas que substituíram ²⁰. É natural que novos achados ajudem a resolver esta questão.

Na candeia n.º 3 a pequena haste atravessada no bico destinava-se a fixar a torcida, cuja altura se modificava com o auxílio de um espevitador, regulando-se deste modo a intensidade da chama.

Os reflectores das lâmpadas 1 e 2 têm especial valor estético e simbólico. São estruturalmente simétricas e o traçado dos contornos é predominantemente curvilíneo. Pensamos que o primeiro representa uma coroa, a «*coroa do Divino Espírito Santo*», a principal insígnia ligada ao culto do Paráclito em todo o arquipélago açoriano.

¹⁷ Rui de Sousa Martins, *op. cit.*, pp. 284-285 (30-31 da separata).

¹⁸ *Ibid.*, pp. 283-284 (39-30 da separata).

¹⁹ *Ibid.*, pp. 281, 282, 287-290 (27, 28, 33-36 da separata).

²⁰ *Ibid.*, p. 289 (35 da separata).

A eficácia do símbolo é reforçada pela cruz latina que o encima. A coroa do Divino e a Cruz, motivos religiosos de temática cristã, desempenham, na sociedade tradicional, uma função protectora e propiciatória. A mulher do mestre José da Costa afirmou ao Sr. Gomes Vieira que a cruz impedia o diabo de meter o rabo no azeite da candeia, fazendo-o desaparecer.

Não sabemos qual o motivo representado no espelho da candeia n.º 2. O problema do seu significado tem de ficar em aberto.

A lâmpada n.º 1, e possivelmente a n.º 2, são fruto da criatividade do ferreiro das Lajes, mestre José da Costa Botelho, que nasceu a 30 de Setembro de 1899 e morreu em Junho de 1984. Começou por ganhar a vida, acarretando barro e pedra às costas e, para melhorar a sua situação, decidiu aprender a arte de ferreiro com a ajuda de um manual que mandou vir de Lisboa. Depois montou uma oficina, onde instalou uma forja portátil (*ventoinha*) que encomendou em França (Saint Etienne). Para além do trabalho de ferreiro, praticou com mestria as artes de funileiro, latoeiro, fundidor e carpinteiro. Fez muitas candeias em folha-de-flandres, mas um dia encontrou na Fajã um tanque de cobre arrojado pelo mar e logo pensou que a chapa seria óptima para fazer candeias. A partir daí forjou grande número de lâmpadas que foram vendidas por toda a ilha, em especial no concelho das Lajes. A chapa de cobre, para ser trabalhada com facilidade, tinha de ser recozida parcialmente (*destemperada*). Para tal, era aquecida até ficar vermelha e metida em água, ficando assim *macia e a puxar muito bem*. Logo que endurecia, a chapa era novamente *destemperada*.

Por volta de 1920, cada candeia de cobre custaria o equivalente a cinquenta centavos. Mas o preço variava, pois as que tinham um espelho elaborado eram mais bonitas e por isso mesmo mais caras.

Ainda segundo o mestre José da Costa Botelho, no tempo em que se começaram a apanhar baleias a partir de bases

costeiras²¹, fizeram-se muitas lâmpadas de azeite, porque as pessoas iam buscar os restos das gorduras que os baleeiros não queriam, derretendo-as num caldeirão que levavam para o calhau de S. Pedro e aproveitando o azeite na iluminação²².

A forma como o mestre José da Costa Botelho obteve a sua formação e o tipo de forja utilizada ilustram a mudança que se foi operando nos ofícios tradicionais, onde o conhecimento técnico passava de pais para filhos, dentro das mesmas famílias, e os utensílios eram feitos pelos próprios artífices. Convém ainda realçar a capacidade para transcender as dificuldades do meio e do isolamento, procurando e utilizando conhecimentos e meios de fontes diversas e distantes. A polivalência do mestre José da Costa traduz ainda um processo, aliás corrente, de adaptação do artífice especializado (ferreiro) a diferentes técnicas ligadas aos novos metais que se iam generalizando.

Note-se ainda o relacionamento entre a necessidade de iluminação artificial que permitia o trabalho nocturno das mulheres (fiação e tecelagem), a produção de lâmpadas de azeite e a escassez das matérias-primas (ferro, cobre e azeite).

A caça ao cachalote, a partir de bases costeiras, possibilitou a produção de excedentes de gorduras, recolhidas gratuitamente pela população que obtinha assim *azeite de luz* em abundância e a custos mínimos, o que fazia aumentar a procura de candeias. Os ferreiros, por seu lado, procuravam compensar a raridade e a carestia das matérias-primas, recolhendo os metais arrojados à costa, provenientes normalmente de navios naufragados.

²¹ Esta actividade enraizou-se nas Flores a partir de 1860. *Anais do Município das Lajes das Flores*, Lajes das Flores, 1970, p. 85.

²² Todos estes elementos sobre a actividade do mestre José da Costa constam de uma entrevista gravada. João Gomes Vieira, *Entrevista com o mestre José Botelho da Costa* (1984). Cassete gravada pertencente ao arquivo do Museu das Flores.

Nas Flores, a manufactura de uma candeia de cobre era uma das provas do exame para obtenção da *Carta de usança* do ofício de ferreiro. José de Lima, mestre ferreiro, natural de Santa Cruz das Flores, diz que o seu mestre, José Luís da Lomba, e o ferreiro José Pedro lhe contaram que, nos primeiros anos deste século, e durante as provas para oficial de ferreiro, era fornecido ao candidato um bocado de cobre em barra para que este forjasse uma candeia, com recipiente e braço, e sem recurso a cravos ou a solda²³.

No domínio dos óleos iluminantes, podemos acrescentar que, antes da caça à *baleia* se ter sedentarizado, se pescavam toninhas e albafores para obtenção de azeite²⁴. Sabemos que a pele destes últimos era cortada aos quinhões e distribuída pelos homens da embarcação²⁵. Mas também nas Flores se recorreu primitivamente ao azeite de loiro e chegou-se a queimar nas candeias sebo de carneiro e de boi, banha de porco, enxúndia de galinha e até cera de abelha e estearina que o mar lançava à costa.

Muito depois de terem caído em desuso como fonte de iluminação, as candeias das Flores, ou mais propriamente os depósitos que sobreviveram, foram usados nos estábulos (*palheiros*) para derreter cebo, usado na cura de uma doença (*formigueiro*) que ataca as unhas dos bovídeos²⁶.

²³ João Gomes Vieira, *Breve notas* [...].

²⁴ *Anais do Município das Lajes das Flores*, p. 66.

²⁵ João Gomes Vieira, *Entrevista* [...], 1984.

²⁶ João Gomes Vieira, *Breves notas* [...].

2. CANDEIAS DA ILHA DO CORVO

Conseguimos observar apenas duas candeias em cobre provenientes da ilha do Corvo, mas recolhemos notícias seguras sobre a manufactura de candeias de ferro em Vila Nova do Corvo.

CANDEIA N.º 1

Esta lâmpada, que já não conserva o sistema de suspensão, pertence às colecções do Museu das Flores. Trata-se de uma candeia de cobre com um só depósito aberto, recipiente de plano ovóide, perfil superior inclinado para cima, bordos baixos, ligeiramente convexos e divergentes, fundo plano, bico estreitado e curto com lados paralelos e extremidade convexa. Perto da extremidade o bico tem um pequeno cravo que servia para prender a torcida. Braço-cremalheira, muito encurvado para a frente, com raiz horizontal alargada e de lados convexos que se estreita numa lâmina vertical com seis entalhes e cinco dentes, terminando em dois rebites rectangulares (Fig. 4; Fotos 16 e 17).

Peça bastante perfeita e equilibrada, com fortes sinais de utilização.

CANDEIA N.º 2

Esta lâmpada pertence à Sr.^a Cecília dos Santos Páscoa, de Angra do Heroísmo, e a sua existência foi-nos noticiada pelo Sr. Francisco Ernesto de Oliveira Martins ²⁷.

É uma candeia de cobre com depósito aberto, plano circular, bordos baixos, direitos e esvasados, fundo plano e bico

²⁷ Rui de Sousa Martins, *op. cit.*, pp. 286 e 287 (32 e 33 da separata).

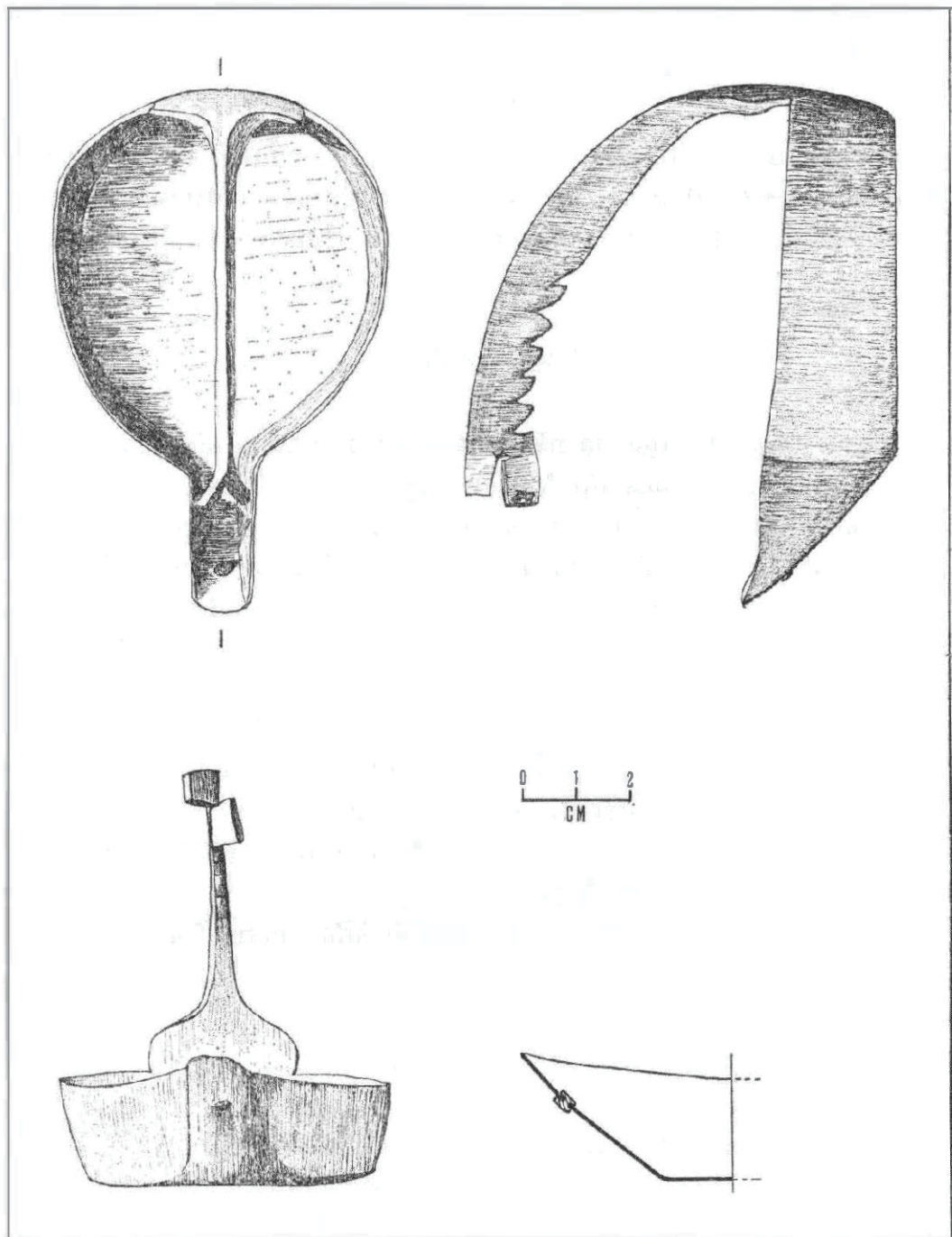


Fig. 4 — Candeia de cobre do Corvo.

Des. de Joaquim Franco

estreitado, longo e levantado. Braço ligeiramente curvo para a frente, raiz baixa, em arco quebrado, com cinco entalhes e quatro dentes ao longo da aresta inferior e a extremidade fendida e rebitada (Fig. 5; Foto 18).

Lâmpada muito equilibrada e com sinais de intenso uso.

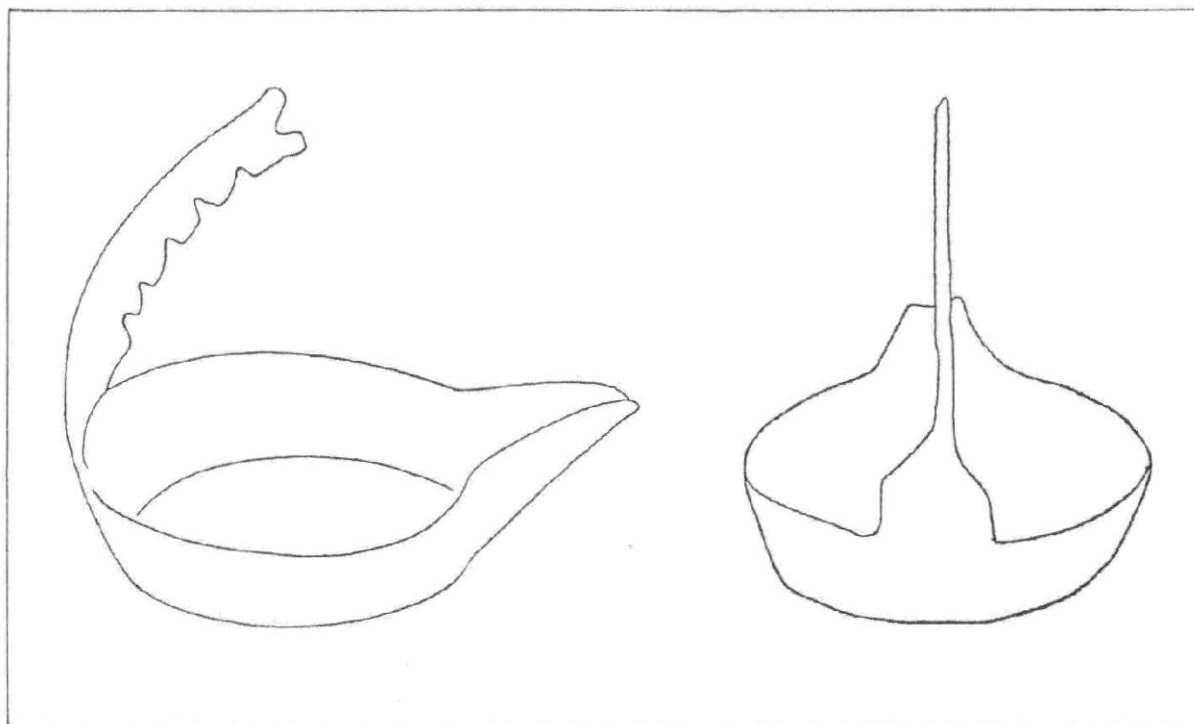


Fig. 5 — Candeia do Corvo.

Des. de Carlos Guerreiro

Comentário

Queremos apenas salientar o aperfeiçoamento do bico na candeia n.º 1, na qual se utilizou um processo diferente do que foi aplicado na candeia das Flores (n.º 3). Parece-nos que a busca de um processo que permitisse controlar eficazmente a altura da torcida foi uma preocupação dos artífices destas ilhas.

Na ilha do Corvo, conserva-se a memória de um ferreiro muito antigo, chamado António Pimentel Cepo, que fazia candeias de ferro. Há cerca de vinte anos, morreu Manuel Inácio de Mendonça, homem habilidoso que fez candeias de cobre utilizando uma forma de madeira ²⁸.

²⁸ Informações dos Corvinos, Fernando Mendonça e Maria de Fátima Jorge.

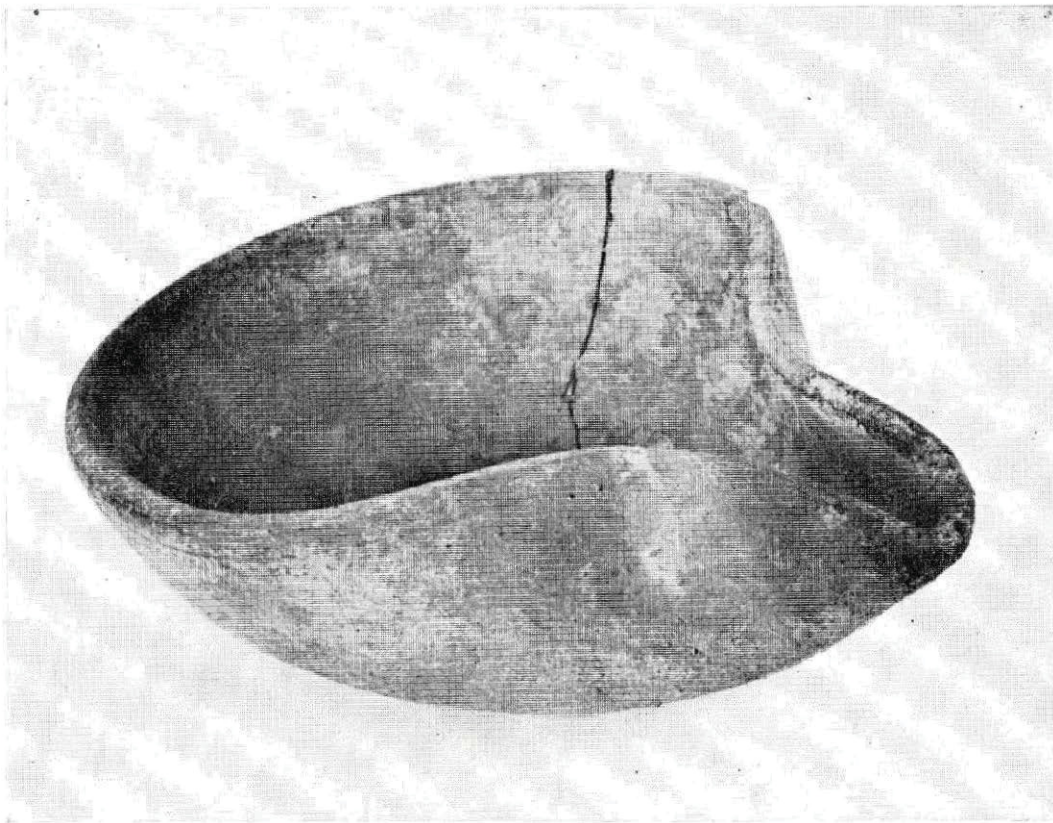


Foto 1 — Candeia de barro das Flores (Santa Cruz).



Foto 2 — Candeia de barro das Flores (Santa Cruz).

Fotos Barata e Soares



Foto 4 — Candeia de ferro das Flores (Cedros).

Foto Barata e Soares

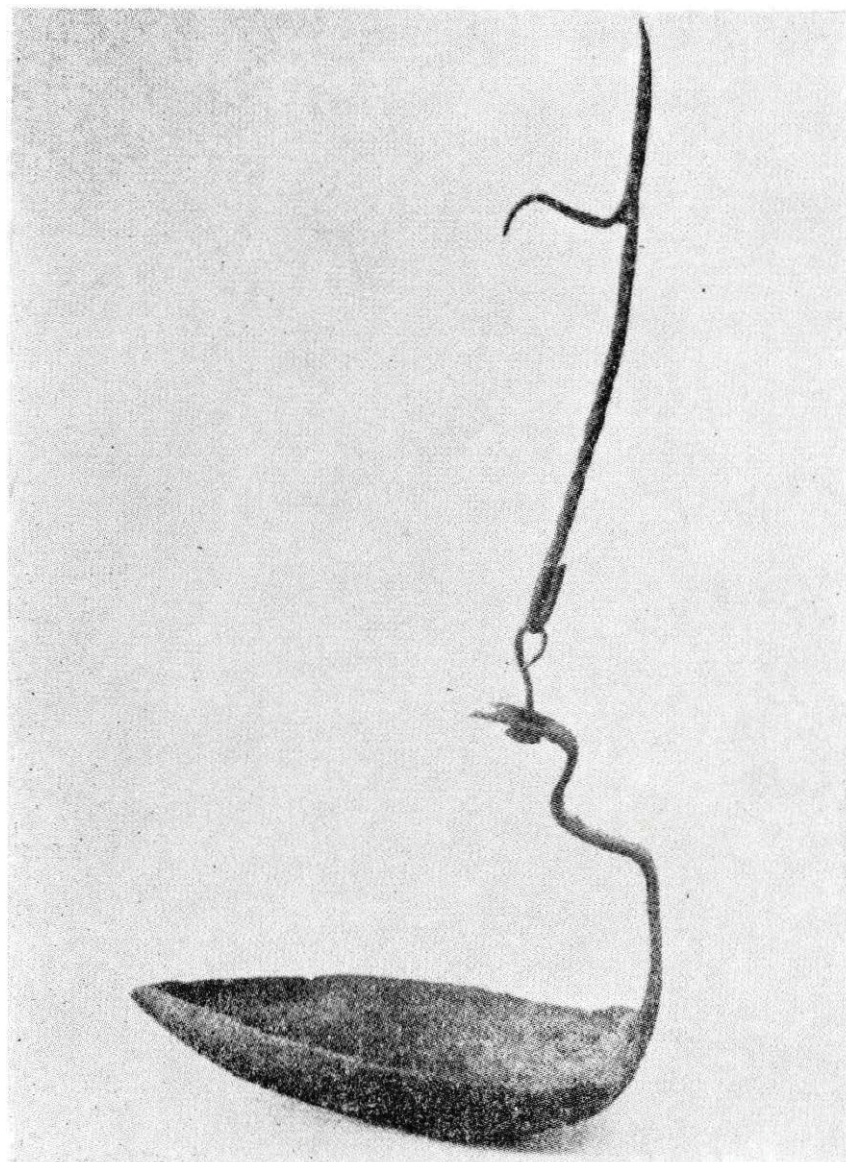


Foto 5 — Candeia de ferro do Porto.

Foto Verbo

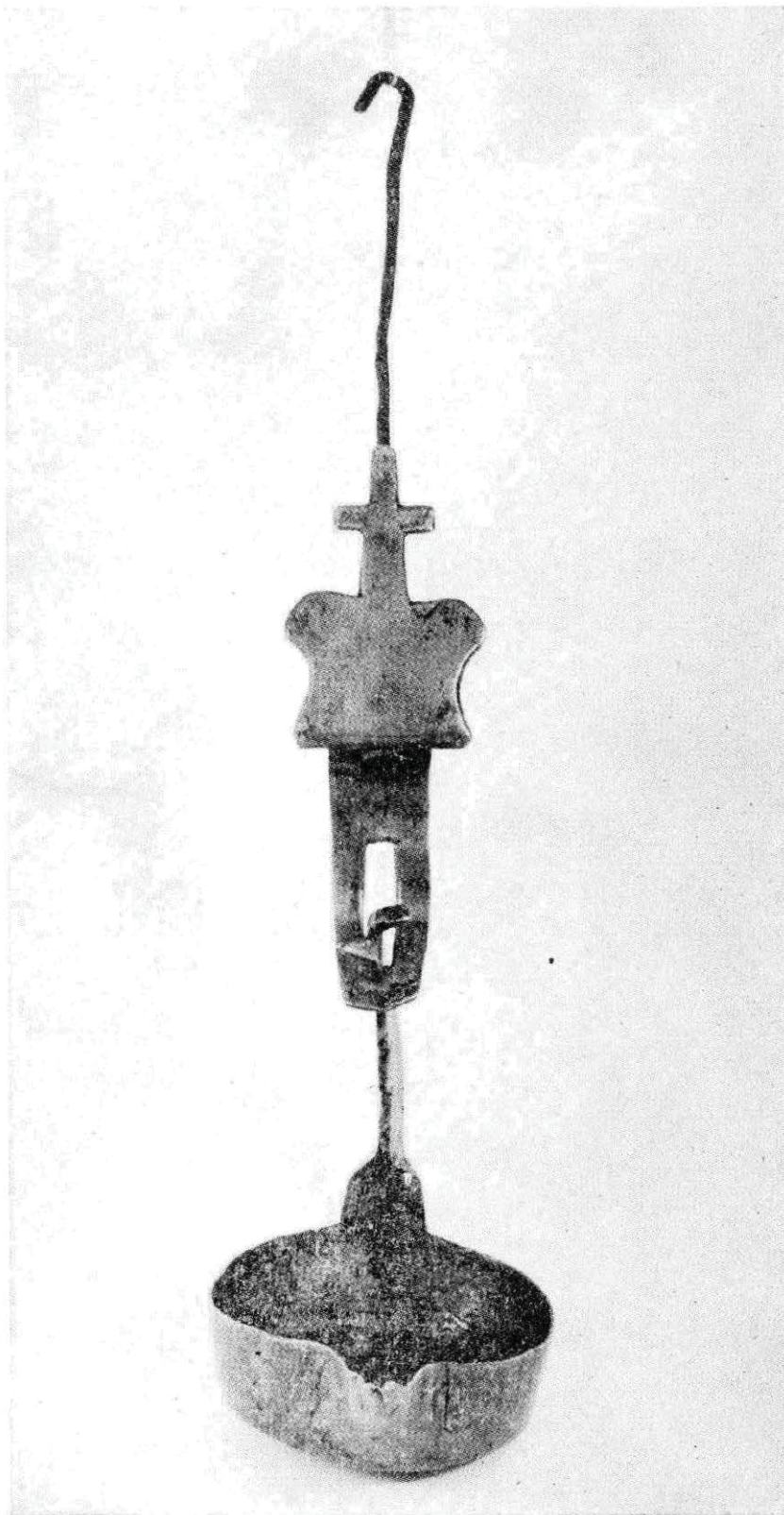


Foto 6 — Candeia de cobre das Flores (Lajes).

Foto Barata e Soares

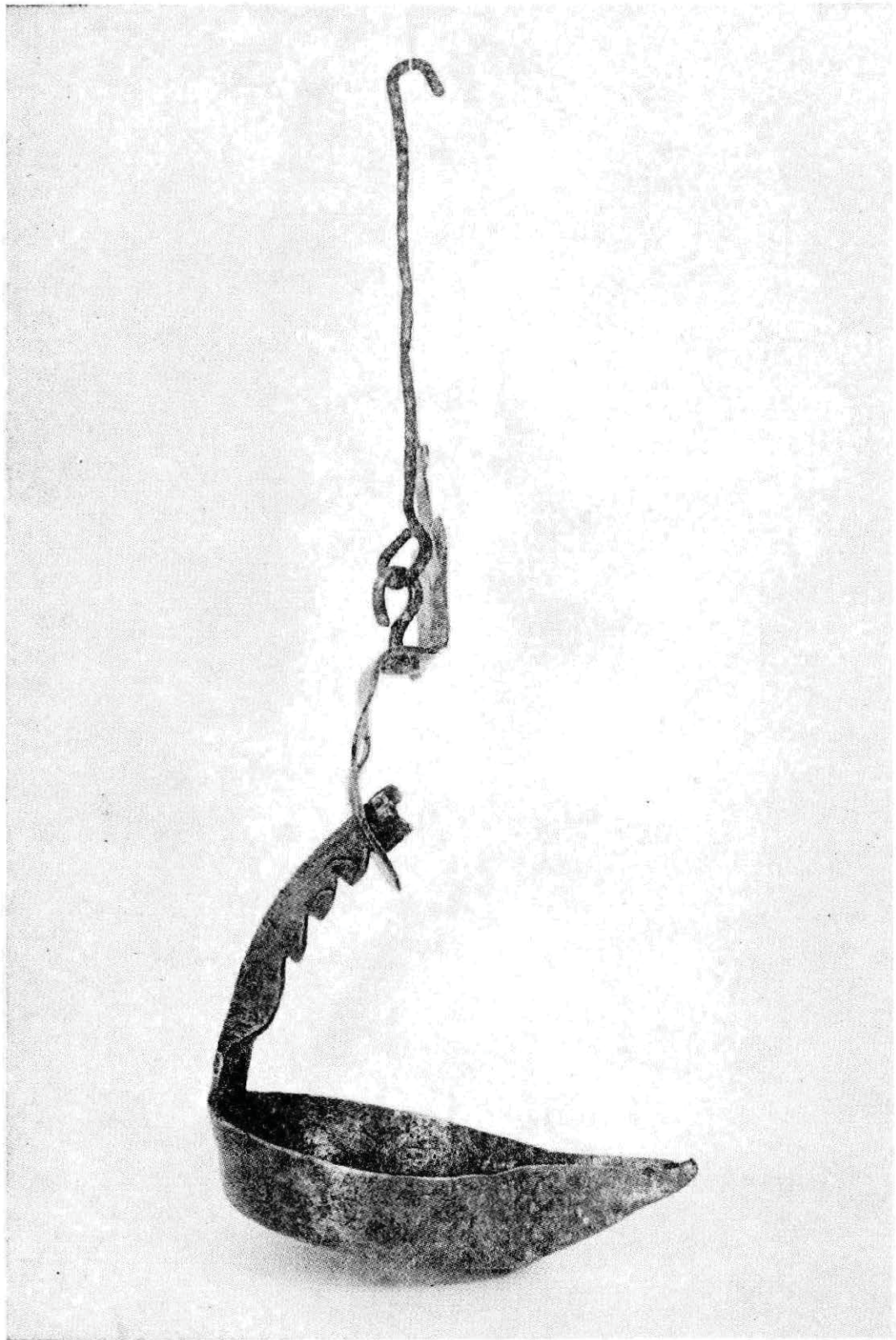


Foto 7 — Candeia de cobre das Flores (Lajes).

Foto Barata e Soares

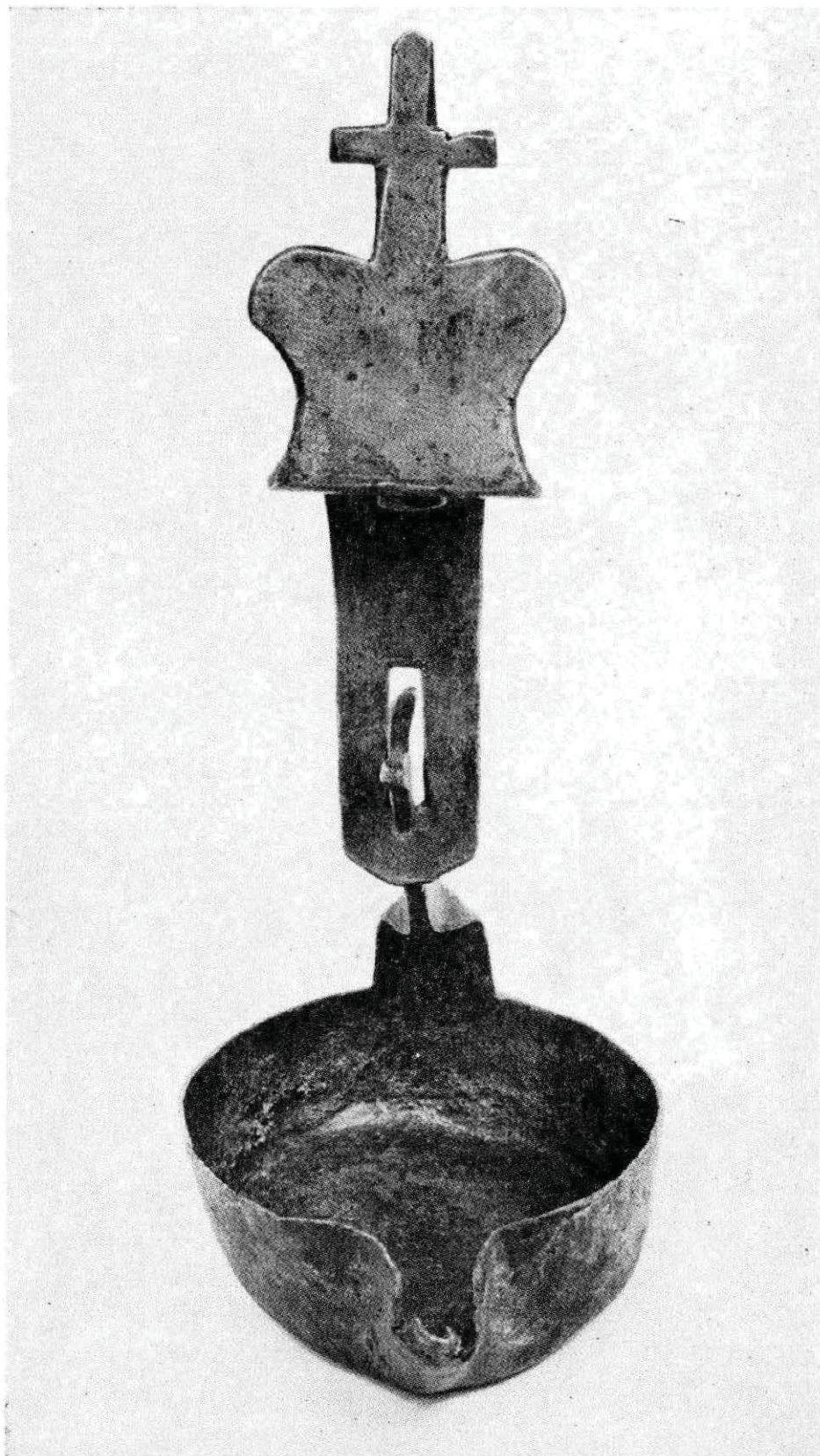


Foto 8 — Candeia de cobre das Flores (Morros das Lajes).

Foto Barata e Soares

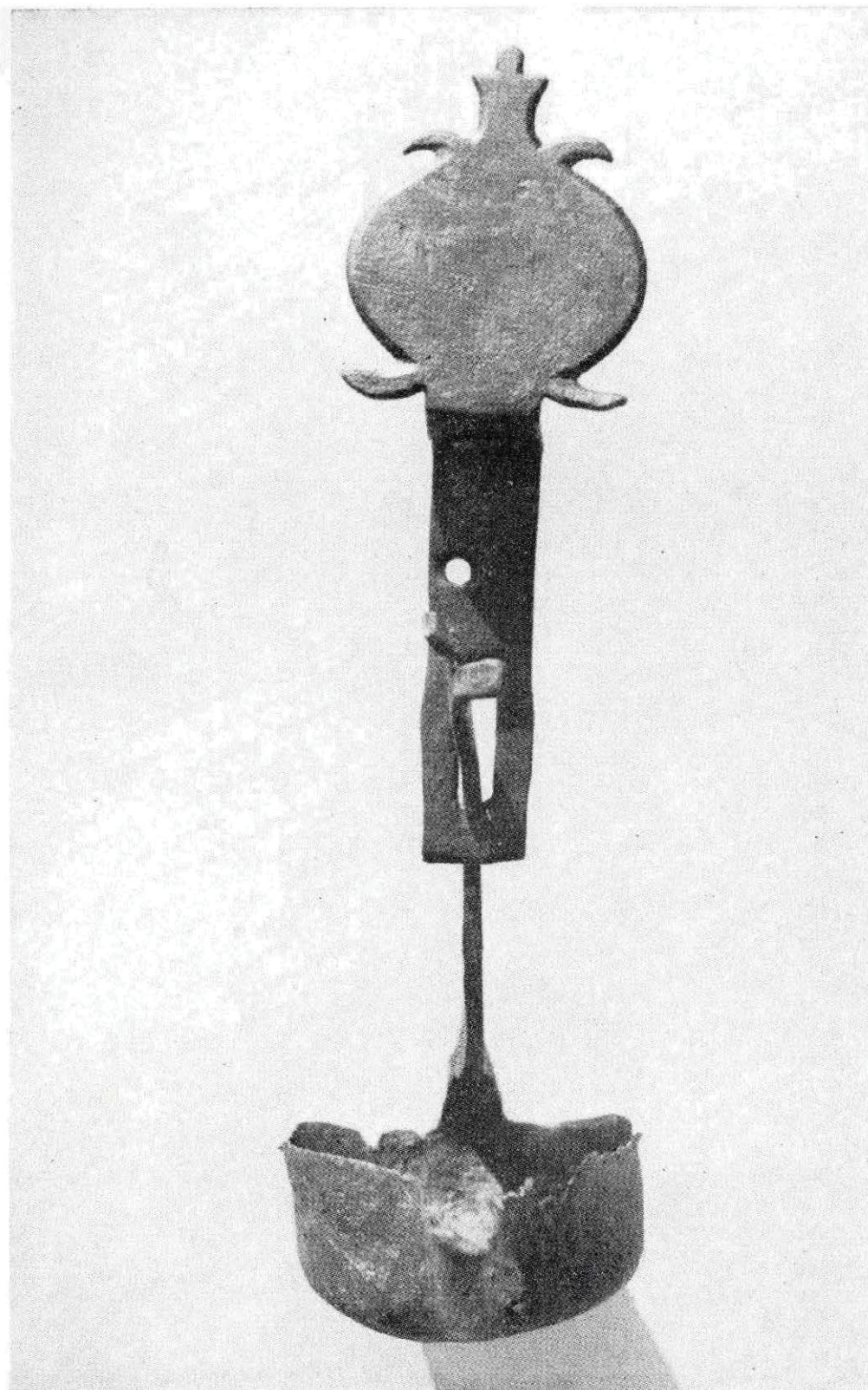


Foto 9 — Candeia de cobre das Flores (Morros das Lajes).

Foto do Autor



Foto 10 — Candéia de cobre das Flores (Morros das Lajes).

Foto do Autor

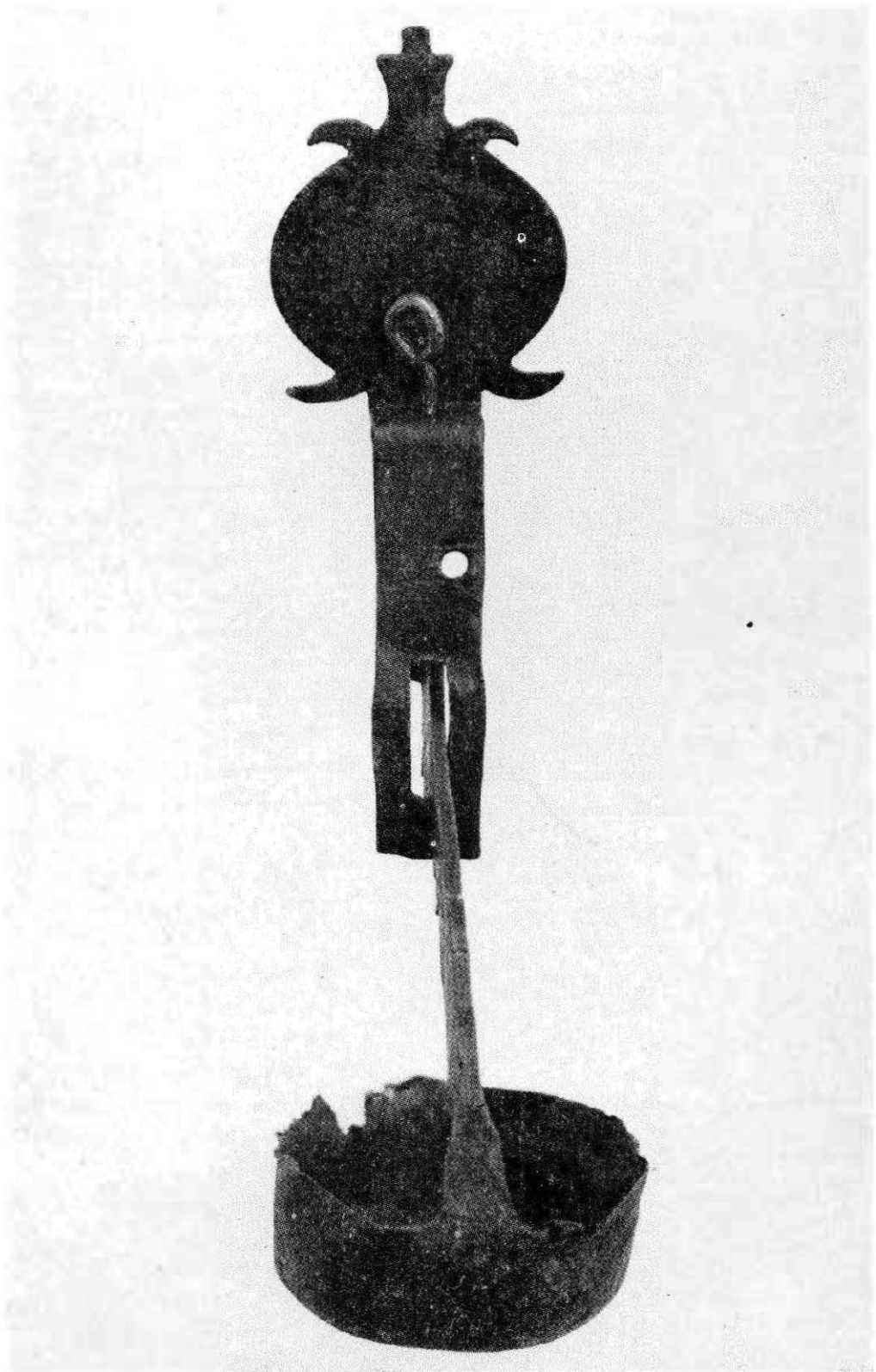


Foto 11 — Candeia de cobre das Flores (Morros das Lajes).

Foto do Autor

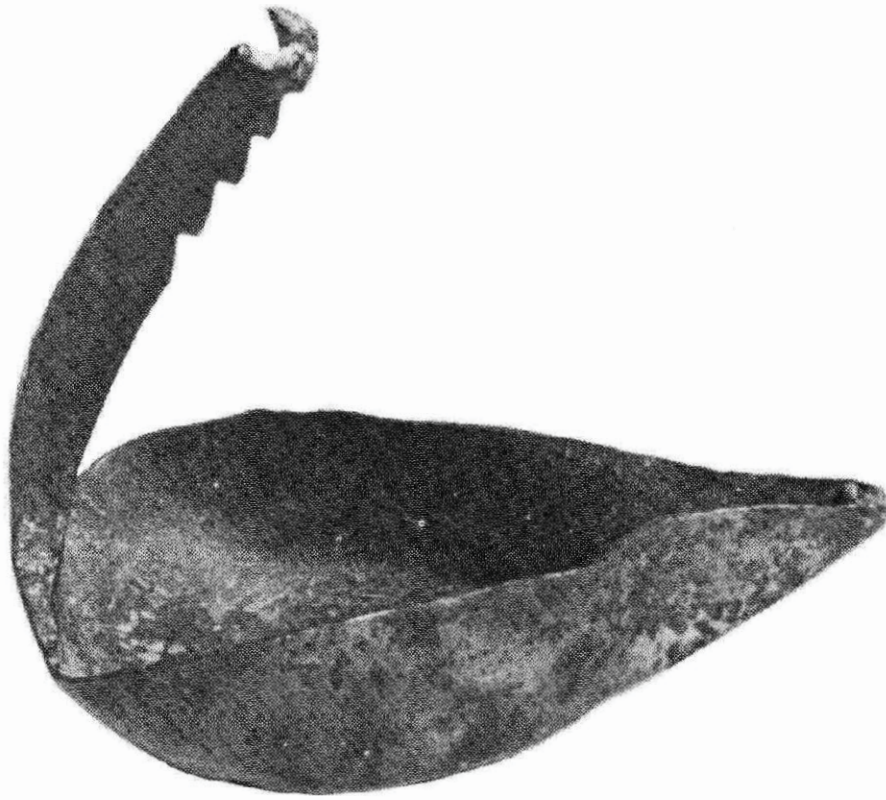


Foto 12 — Candeia de cobre das Flores.



Foto 13 — Pormenor do bico da candeia.

Fotos do Autor



Foto 14 — Candeia de cobre das Flores (Fajãzinha — Fajã Grande).

Foto Barata e Soares

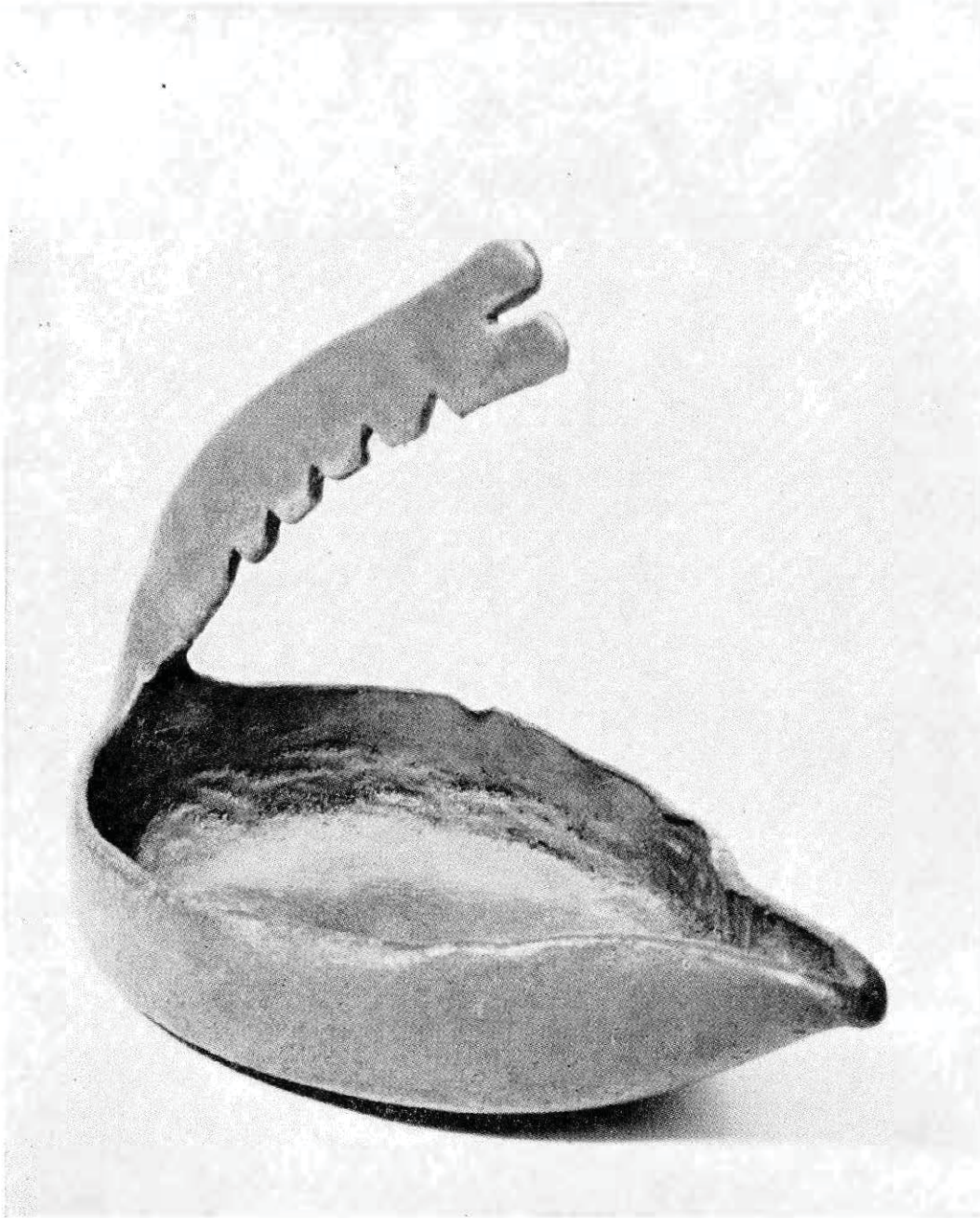


Foto 15 — Candeia de cobre das Flores (Morros das Lajes).

Foto Barata e Soares

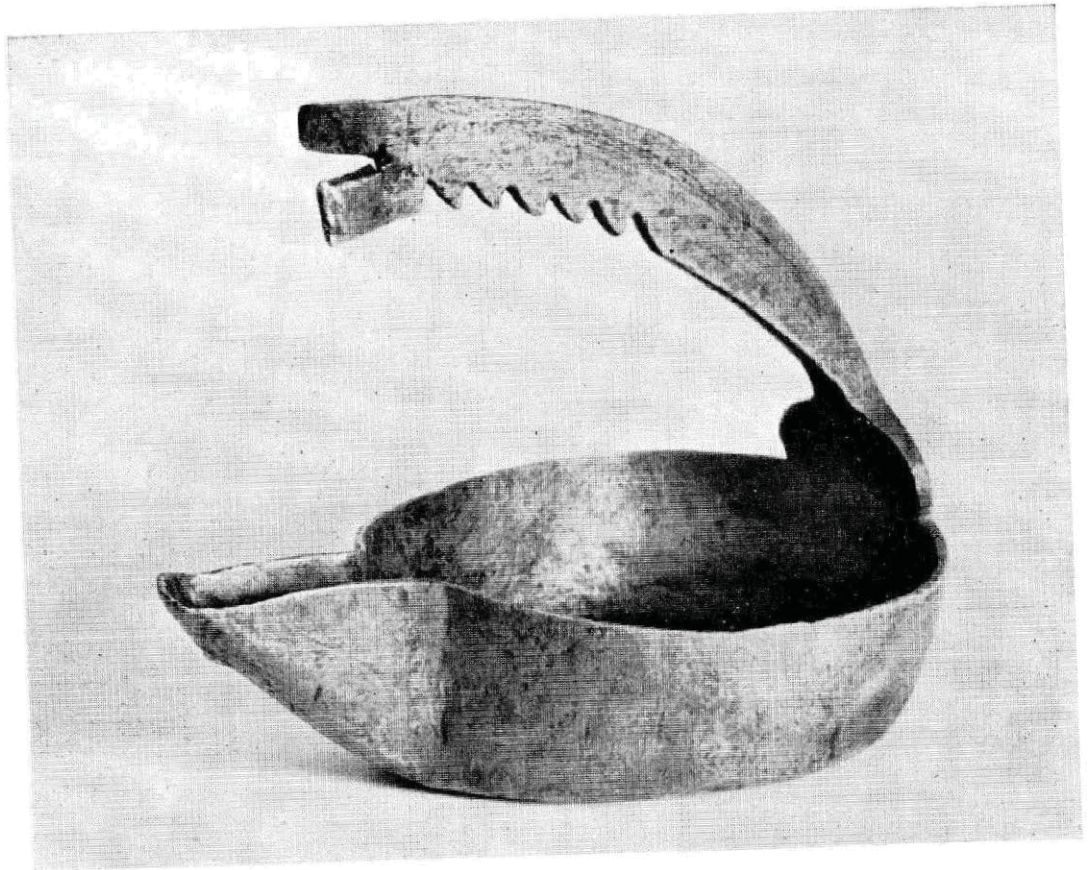


Foto 16 — Candeia de cobre do Corvo.

Foto Barata e Soares

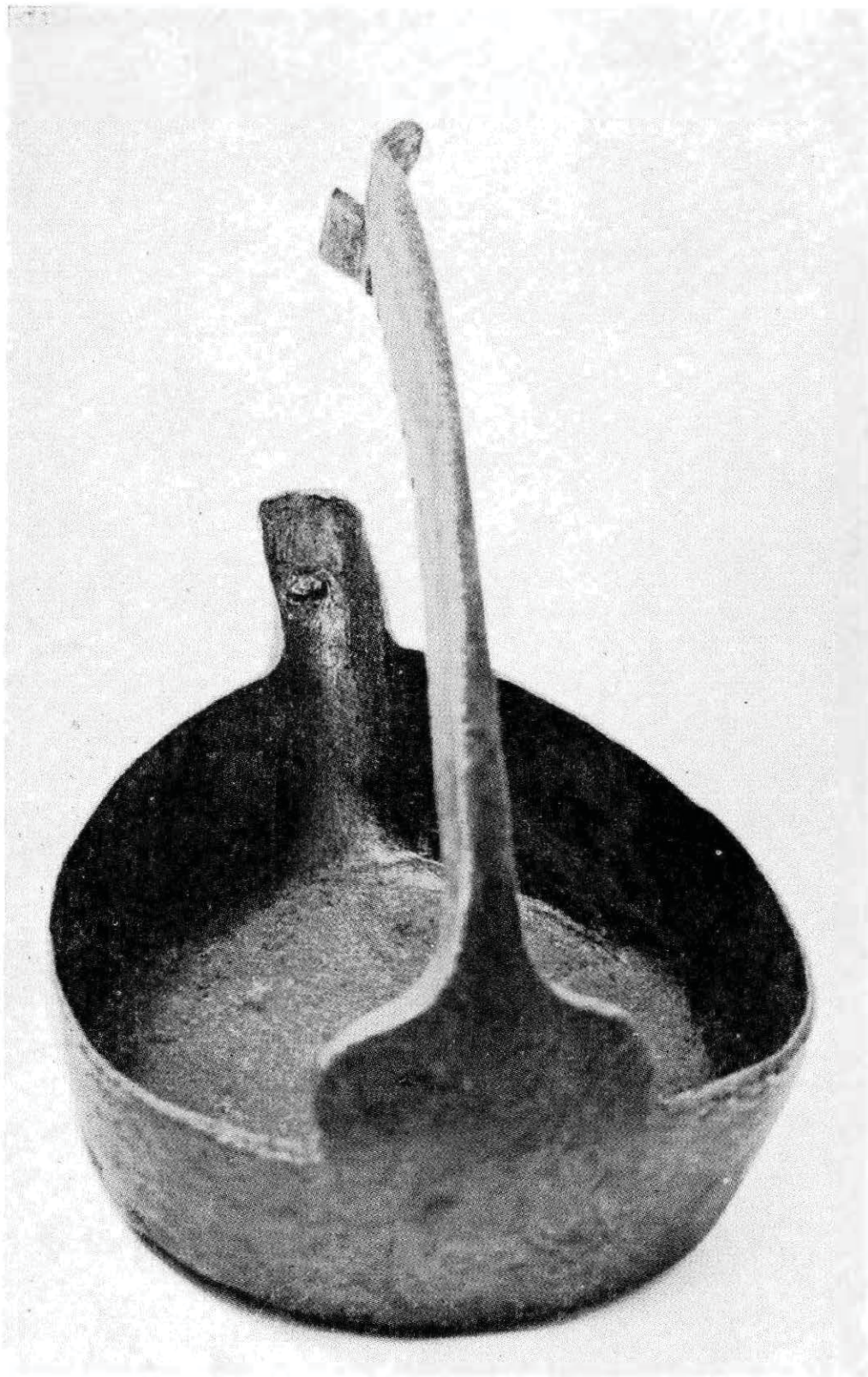


Foto 17 — Candeia de cobre do Corvo.

Foto Barata e Soares

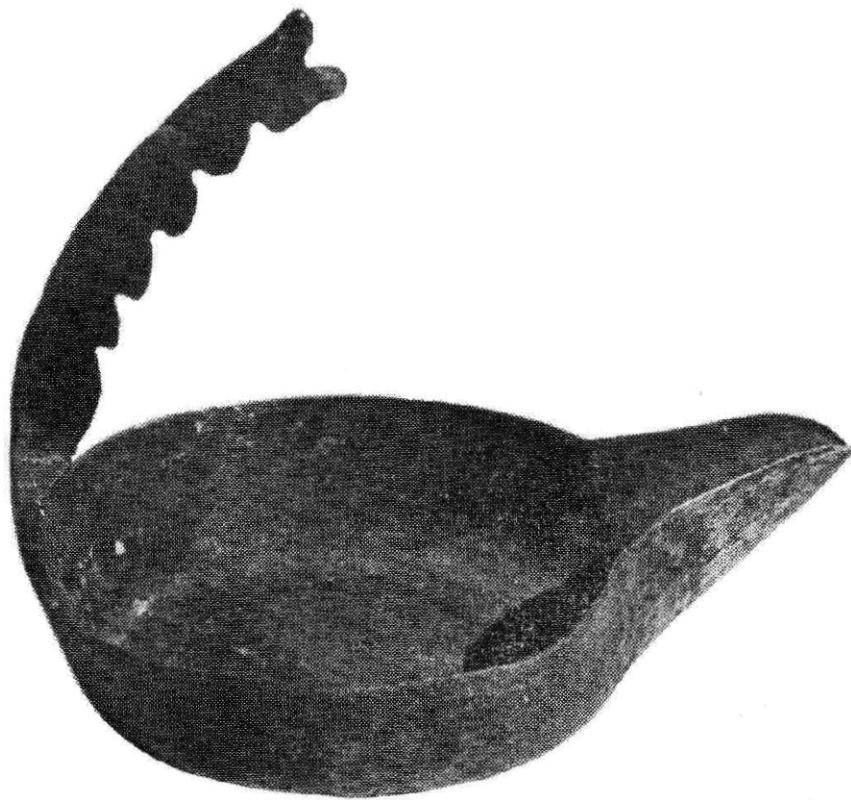


Foto 18 — Candeia de cobre do Corvo.

Foto do Autor